

JORNAL RELEVO

Terça-Feira, 10 de Fevereiro de 2015

Anno V - Edição IX

CURITIBA - PR

Em defesa do direito de ir e vir

Os acontecimentos funestos da última semana evidenciam o quanto a sociedade brasileira carece de inteligência para lidar com o contraditório. A nota de rodapé do colunista Alves Jr. sobre um show possivelmente ruim - não sabemos, não estávamos lá - obedecia a uma lógica simples de viver: foi, viu, não gostou. (Não desconsideramos que classificar a artista como uma cruz entre uma lobotomia mal feita e um atropelamento de trator com escapamento furado tenha sido um exagero com o trabalho exercido pela artista. Entretanto, precisamos entender que se trata de LIBERDADE DE EXPRESSÃO e o nosso periódico tolera voos críticos mais amplos. CENSURA não.)

O grupo de fãs da cantora Maria-Tiê, que invadiu sem parcimônia a

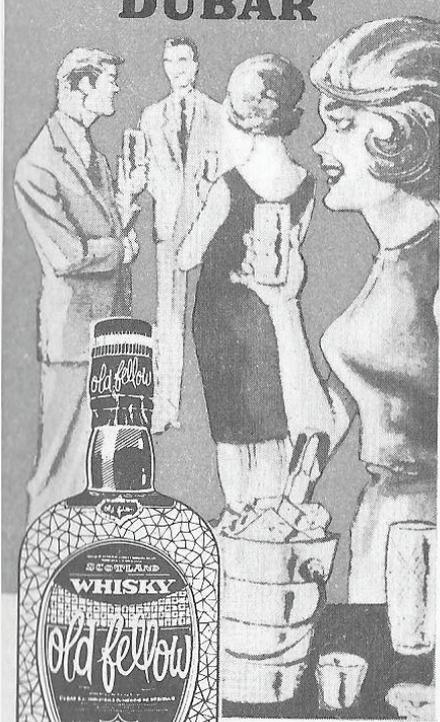
nossa redação com canções doces de protesto e simplesmente destruiu todo nosso acervo de revistinhas eróticas (o que chateou especialmente o Sr. Armando), não consegue entender que não, a Maria-Tiê não é a melhor cantora brasileira. Ela sabe disso. Nós sabemos disso. Os fãs não. Não bastou a esse grupo apontar os dois erros ortográficos do texto - algo que fez o revisor prontamente se desculpar antes de ser demitido -, era preciso sangue. Mas eles verão o nosso sangue só no fim.

É preciso urgentemente um clamor, uma defesa das bandeiras democráticas mais elementares. Bem existir num país livre é a nossa meta, é o nosso lema. Aceitem que dói menos. Dói só no começo.

Da Redação

Em uma reunião destaca-se o

WHISKY OLD FELLOW DUBAR



Experimente-o e, você concordará!

WHISKY

old fellow

Há uma delícia
DUBAR
para cada paladar

Carnaval

Para construções e ornamentações de carros para o Carnaval, pegam orçamentos, Agência Radium. Praça dos Andradas n. 43. Telephone n. 803. 3036

COLONOS

Precisa-se de algumas famílias, para trabalhar em uma fazenda de café no interior do Estado, em muito bom clima. Pagamentos mensaes. Trata-se á rua Santo Antonio, 62. (Sobrado). 2858

COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA

AVISO AOS ASSIGNANTES



A Companhia Telephonica Brasileira congratula-se com seus assignantes em geral pela maneira rapida por que se vão familiarizando com o manejo dos telephones automaticos e com o novo sistema de numeração.

A curiosidade que despertou o novo serviço, fazendo com que todos experimentem os aparelhos automaticos e a pouca pratica de algumas pessoas que deixam por muito tempo o phone fóra do gancho sem discar têm contribuido para uma extraordinaria sobrecarga no aparelhamento da estação automatica, fazendo com que muitos assignantes esperem pelo "ruído de chamada" mais tempo do que deveriam normalmente esperar.

O sucesso do serviço automatico depende da exactidão com que os assignantes usam o disco e de sua cooperação.

Afim de facilitar o serviço a Companhia tem as seguintes suggestões a fazer aos seus assignantes:

- 1 - Destrua a Lista velha (Capa cinzenta). Muitas chamadas estão sendo ainda feitas para numeros antigos. Use unicamente a Lista nova (Capa cor de rosa).
- 2 - Não disque sem que ouça o "ruído de chamada". Si não ouvir o "ruído de chamada" dentro de um tempo razoavel, desligue e tente a ligação novamente alguns segundos depois.
- 3 - Entude as paginas VI e VII da nova Lista de Assignantes (Capa cor de rosa).
- 4 - Para mais instruções avise ou procure a Secção de Contractos, rua Marechal Floriano 168-1. telephone 4 - 2500, que lhe mandará immediatamente um instructor do serviço automatico.

Como esclarecimento aos assignantes a Companhia Telephonica Brasileira informa que desde que foi inaugurada a Estação Automatica, "Tres", ás 22,30 horas de 31 de Dezembro ultimo, tem sido feitas 123.240 chamadas por dia pelos telephones a ella ligados. Antes da installação da Estação Automatica os mesmos telephones pediam apenas 41.080 chamadas por dia.



Coisas do amor

Ingeriu cocaina

A menor Adelina Estoriato, de 16 anos de idade, moradora á travessa Bemtevi n. 15, na Villa Ruy Barbosa, hoje, pela manhã, por motivo de amores mal correspondidos, tentou suicidar-se, ingerindo pequena quantidade de cocaina.

Chamada a Assistencia Municipal, foi ella soccorrida, ficando em tratamento na sua propria residencia.

A policia do 2.º districto teve conhecimento do facto.

EVER DREAM THIS MAN?



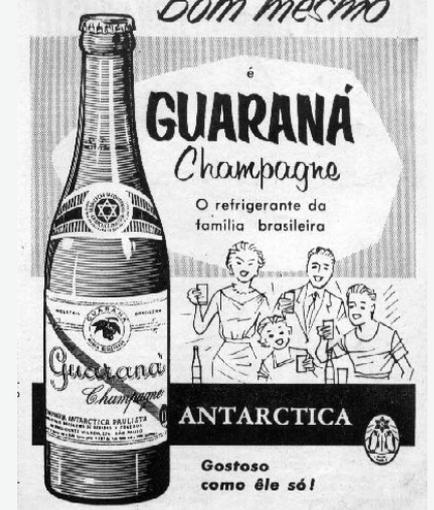
Every night, all over the world, hundreds of people see this face in their dreams. If this man appears in your dreams too, or if you have any information that can help us identify him, please contact us.

www.thisman.org

Bom mesmo

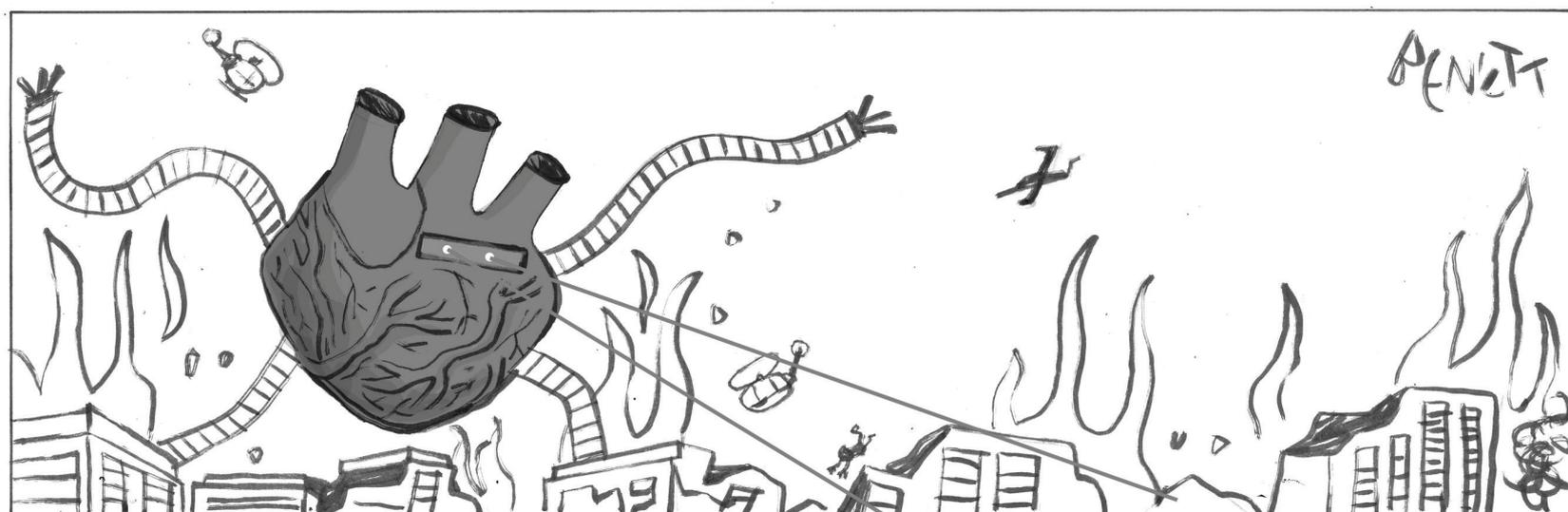
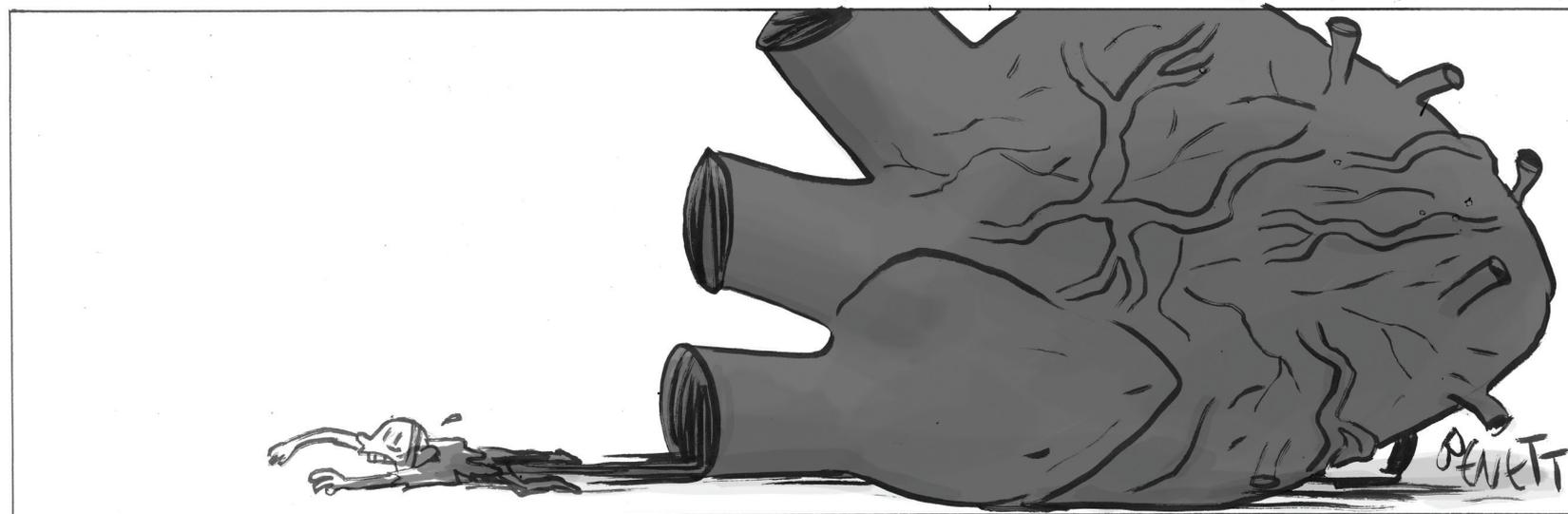
GUARANÁ Champagne

O refrigerante da familia brasileira



ANTARCTICA

Gostoso como ele só!



Otávio Terssi



RelevO

PARANÁ - FEVEREIRO DE 2015 - EDIÇÃO IX - ANO V

- Carla Diacov* 07
- Alexandre Guarnieri* 11
- Julliana Bauer* Tipos de humanos em hostels 14
- 1º Campeonato RelevO de Modestos 16
- Julia Nascimento* Cambiante es mi palabra favorita 19
- Giovani Kurz* Tréguas pontuais (ou não-descrições discretas) 22
- Diário de um Jovem Soropositivo* Esqueça tudo o que você sabe sobre HIV 24
- Ademir Demarchi* Cinerário 28
- Daniel Osiecki* Terra Incógnita 30
- 10 Ladrilhos. *Gustavo Jugend*
- 12 Capão Revisitado *Adriano Smanioto*
- 15 Manorama *Cláudia Lopes Bório*
- 18 Dois olhos em branco *Marcos Beccari*
- 20 Que nem ladrão *Victor Gaete*
- 23 A última tentação de k. *Benjamin Ganubla*
- 27 *Bellé Junior*
- 29 Cenas Urbanas *Daniel Zanella*

Expediente

Fundado em setembro de 2010.

Editor Daniel Zanella **Editor-Assistente** Ricardo Pozzo **Revisão** Mateus Ribeirete **Ombudsman** Whisner Fraga **Projeto Gráfico** Marcell Mengarda **Impressão** Gráfica Exceuni **Tiragem** 3000.

Edição finalizada em 9 de fevereiro de 2015.

Ilustrações

Todas as ilustrações dessa edição são do Otavio Tersi – otavioptersi@gmail.com – [facebook.com/BabiloniaIlustraria](https://www.facebook.com/BabiloniaIlustraria). As tiras das p. 2 e 31 são do Benett – [facebook.com/paginadoBenett](https://www.facebook.com/paginadoBenett)

Os anúncios da p. 9 são de autoria do Alan Amorim – [behance.net/alanamorim](https://www.behance.net/alanamorim)

Contato

@ jornalrelevo@gmail.com

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

Editorial

A edição de fevereiro é marcante por ser a última coluna de Whisner Fraga, nosso ombudsman por seis edições. Para seu lugar, Fraga indicou a escritora, musicista e produtora cultural Carla Dias, primeira mulher a assumir o cargo desde que ele foi instituído em janeiro de 2014.

Mais do que o valor simbólico de uma ombudswoman – grafaremos assim? –, até porque talvez o humorista George Carlin tenha razão ao dizer que os símbolos são para pessoas simbólicas, buscamos estabelecer uma espécie de rotina: trazer à tona nossas entranhas e discutir um pouco o meio literário em que nos localizamos.

Entretanto, ao longo do trabalho desenvolvido pelos três primeiros ombudsmen notamos um comportamento padrão: a ausência de feedback escrito. Acontece dos escritores terem muito receio de criticar os próprios escritores e o ombudsman, geralmente um escritor. Raramente escrevem o que pensam, mas sob efeito de algumas substâncias – poderíamos fazer uma lista de 320 itens – descem o sarrafo no trabalho do ouvidor do jornal. É bonito de se ver. Naturalmente, pedem anonimato. Muitas vezes no dia seguinte. Veja, a coluna é a página mais lida do jornal – atestamos isso através dos dados das edições online –, gera diversos tipos de desconfortos e traz ao ouvidor um sentimento de solidão por falta de material crítico do meio.

De fato, ninguém deve se forçar a expor publicamente suas opiniões – aliás, temos em excesso, obrigado –. Contudo, é nítido que somos um colegiado algo pernóstico em relação aos nossos semelhantes, interessados em uma razoável política de boa vizinhança, quando mal conseguimos lidar com nossa vaidade – cada qual com seu monstro Catoblepas de bolso, na dificuldade mitológica de olhar pra cima. O exercício de crítica e autocrítica em um impresso de nicho com circulação local pode ser uma boa ferramenta para a gente falar mal das coisas-tudo com alguma altivez.

Escrevam.

Uma boa leitura a todos.

PRESTAÇÃO DE CONTAS DE JANEIRO DE 2015

Anunciantes

R\$ 30 – Nova Mania; Banca da Aracy (total R\$60).

R\$ 50 – Joaquim; Fisk; Calceaki; Água na Boca; Sabbatique Spa (total R\$ 250).

R\$ 100 – Allejo; Defenestrando (total R\$ 200).

Assinantes

R\$ 50 – Lucas Cruz; Leonardo Migdalski; Pedro Lemos; Marcelo De Angelis; Katia Brembatti; Maria Isabel Bordini; Eder Alex; Luci Collin; Vanessa Porfírio; Victor Amaral; Daniel Glir; Daniel Babalin; Pedro Luz; Mariana Macedo; Alexandre Guarnieri; Tiago Macedo; Tiago Fonseca; Cleomar Rogério Daldegan; Limerson Morales (total R\$950).

Despesas

Assinaturas **R\$ 230** / Distribuição **R\$ 100** / Impressão **R\$ 1.200**

Receita **R\$1.460**

Custo total **R\$1.530**

Balanco **R\$ -70**

Cartas do Leitor

VINHO

Aprecio todos os meses as belas publicações do **RelevO**.
Conteúdo bastante salutar à nossa cultura.
Célio Borba

ESCRITOR VS. REVISOR

Fiquei feliz de ver meu ensaio na edição de dezembro. No entanto, aquilo que eu havia te falado no último e-mail aconteceu: os itálicos sumiram. Eles foram substituídos por aspas e, em alguns casos, elas não foram corretamente posicionadas. Por exemplo: o livro “Discurso sobre as ciências e as artes”, cujo título eu tinha deixado em itálico, aparece no jornal como “Discurso” sobre as ciências e as artes. Imagino que deve ter sido um deslize, não tem problema. Tô só sublinhando o fato para evitar que algo semelhante ocorra novamente.

Abraço,
Gustavo Dalaqua

O Revisor: Os itálicos foram trocados por aspas mesmo. Temos feito isso em todos os textos, procurando uma padronização ainda não definida por completo. Peço desculpas pelo erro de colocação, e agradeço pelo aviso. Como a diagramadora não terá direito de resposta, direi que o erro com certeza foi dela, que “entendeu errado”. Com a cabeça no travesseiro, no entanto, engolirei a culpa.

TACA-LHE PAU, REQUIÃO

Estou aqui degustando o **RelevO** e apalpando o indelével. Torço pela literatura livre, a arte que expressa o verbo mais do que mil versos, a boa vontade sem politicagem e todo o trabalho feito com ideais e sem mesmice. Apoio toda diversidade e cultura que expanda ideias. Torço por quem tenha ideais, como vocês. Fraternal abraço e “taca-lhe pau”!

Josette Garcia

Antes de mais nada, quero agradecer pela publicação e o espaço generoso concedido no periódico. A página ficou linda. É um registro que ajuda em muito a consolidar e ampliar a experiência poética. Além disso, vale dizer que a própria leitura do jornal tem sido muito útil e prazerosa.

Assim, o desejo é que o **RelevO** se fortaleça e siga adiante. Conte comigo como autor e também como leitor e assinante.

Um grande abraço
Marcelo De Angelis

Por que o jornal não publica matérias sobre o monopólio das livrarias megastores no mercado editorial? Elas prejudicam o escritor em começo de carreira e sem dinheiro?

Antonio Araújo

Da Redação: Mas publicamos, Antonio. É só procurar.

Ombudsman Whisner Fraga

Obrigado

Durante alguns meses vivi a ficção de ser ombudsman de um jornal literário. Senti-me na pele de um fantasma que tenta assombrar alguém, mas se vê irremediavelmente invisível, impotente. Uma assombração que tenta enviar seu recado, dia após dia, para um público desconhecido de um universo igualmente misterioso. E que, paradoxalmente, causa pânico, raiva, indignação. Com quem este espectro tentou, durante tanto tempo, um diálogo que se mostrou impraticável?

Ainda assim sentirei saudade deste monólogo. Foi um tempo em que meu umbigo me mostrou que existe tanta gente talentosa por aí que dá até medo de tentar me arriscar com algum tipo de arte. Que há, ao mesmo tempo, uns escritores tão egocêntricos e perdidos em seu miserável e inflado amor-próprio que nem merecem ser considerados como artistas. É a vida.

Perguntei ao Daniel Zanella, editor do periódico, se poderia indicar meu sucessor. Ou minha sucessora, para ser mais preciso. Sim, podia. Então escolhi uma escritora com um estilo bastante diferente do meu. Acho que o **RelevO** deve viver essa diversidade. A Carla Dias, a nova ombudswoman, tem um olhar sobre as coisas que é ao mesmo tempo mágico e seguro. Com isso acho que o jornal deve consolidar o papel do crítico de um periódico literário.

Despeço-me dos leitores com um abraço grato e com a convicção de ter feito algo que me deu imenso prazer. Continuarei perto do jornal como leitor assíduo de tudo o que ele publicar. Quero dizer a todos que quiseram me mandar uma mensagem, mas que não enviaram porque eu era ombudsman, que seguirei à disposição para uma conversa. Meu e-mail é **whisnerfraga@yahoo.com.br**.

entro em combate com os meus olhos
diariamente
veja
o espelho quer minha guerra
logo
quando logo for logo de me alinhar ao resto
o resto ancestral porvir
uma margarida bestial nascerá entre nós

pela minha nuca
pela minha palma
quero voltar e me admitir

*

sob um corpo suspeito de ruínas
estava eu
arrazoando comicidade
saudades inteiras
predileção e mar
cabelo, cabelo
contudo
essa fresta
de nome masculino
pôs-me sem graça
deposta da boca
arrazoando perplexidades
sem as colunas da razão

era meu o corpo
agora sabido
de ruínas
sem suspeita de graça ou de virtudes femininas
era meu o nome
onde nada era meu

*

seguem noturnas as mãos abaixo
o teu rosto
tão quão abaixo
fazem-no pequena cidade
de avessos senhores
dão-se as pálpebras
abaixo passas a retirar-te do chapéu
crianças do teu olhar
amolam baças chamas
tremulam tuas vidraças
seguem as mãos
baça a correção no movimento que
agora nevas
apagam-se umas velas, nevas
esburgada montanha abaixo



CARLA DIACOV

seguem as mãos
cobrem-se em flocos as barbatanas a te seqüenciar
abaixo
agora é o inverno que teima a queimar
fazendo-te pequeno ramo abaixo
pesas e tocas da última janela, tua então finada cidade
seguem as naus, tuas mãos, seguem

Por que anunciar no RelevO?



Vinicius Carvalho

Seu público deve estar nos lendo. O Jornal RelevO tem uma tiragem mensal de 3 mil exemplares. Como a distribuição desses exemplares é gratuita, estima-se que o jornal chegue, todo mês, à mão de 10 mil leitores. Além da edição impressa, o jornal é disponibilizado gratuitamente online – e, dessa edição, temos números mais precisos: a média é de 15 mil acessos por mês. A quantidade de assinantes, que cresce a cada mês, só confirma que temos uma audiência bastante fiel.

Seu anúncio também é uma obra de arte. Como é possível ver desde a edição de dezembro/2014, nossa página de anúncios tem um destaque enorme no jornal por ser feita por um ilustrador, que produz individualmente cada trabalho. É impossível não se demorar em cada um dos anúncios olhando cuidadosamente o desenho, o nome e o telefone do seu negócio. Certamente, você conquistará muito mais atenção do público (que já é qualificado) por um preço muito menor do que o normal para anúncios em periódicos.

Você alcança seu público-alvo investindo muito pouco. Nossos exemplares circulam gratuitamente por Curitiba, Araucária, Campo Largo, São José dos Pinhais, Contenda e Ponta Grossa (PR), em sebos, livrarias, universidades, bibliotecas, projetos de leitura e cafeterias, além de assinantes espalhados pelo Brasil inteiro. O público que pega, folheia e lê o Jornal RelevO pode ser exatamente aquele que você, com seu negócio, quer atingir. E é possível atingir essa quantidade de pessoas com um investimento muito baixo: o anúncio mensal no RelevO custa apenas R\$60.

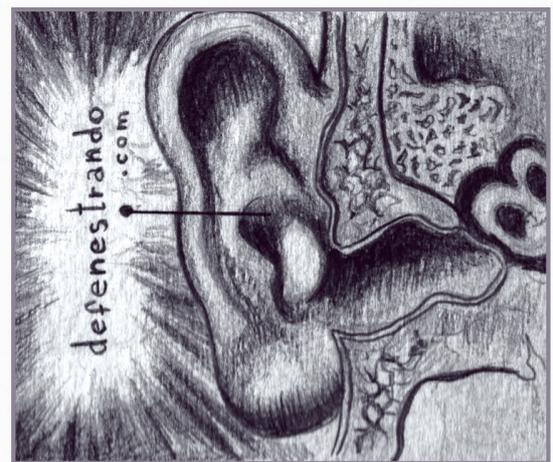
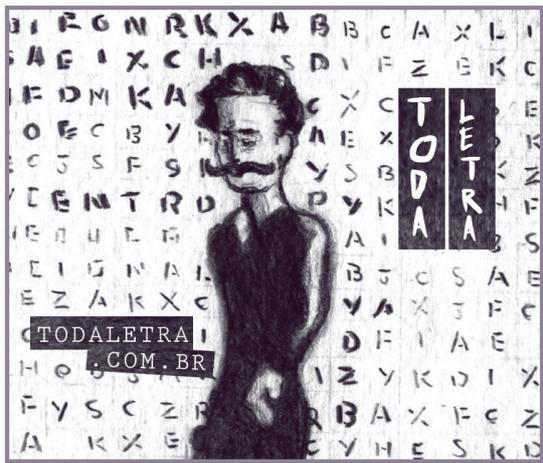
Você ajuda a divulgar bons trabalhos ainda desconhecidos. Uma de nossas missões é quebrar a barreira, às vezes despropositada, que parece existir para quem nunca publicou seu trabalho – seja texto ou imagem. Em nossas 65 edições, ao longo desses 5 anos, foram 1.200 escritores e 200 fotógrafos/ilustradores publicados. Muitos deles, embalados pela primeira publicação, estão atualmente vivendo de literatura e de arte.



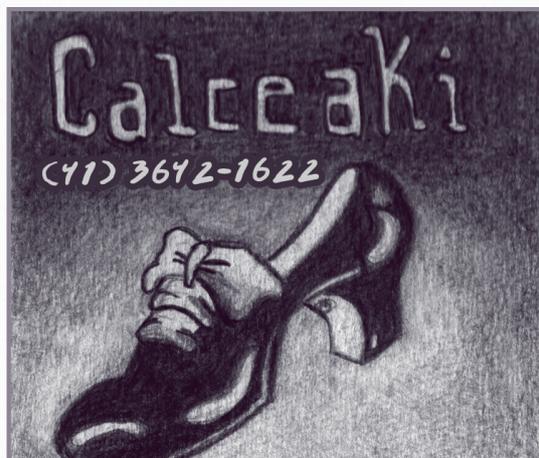
Carolina Goetten

Jornal RelevO: todos ama

Entre em contato e anuncie no **jornal RelevO**
jornalrelevo@gmail.com
 Contato: (41) 8805-4900, Daniel Zanella
[facebook/jornalrelevo](https://www.facebook.com/jornalrelevo) – [twitter/jornalrelevo](https://twitter.com/jornalrelevo)
[issuu.com/jornalrelevo](https://www.issuu.com/jornalrelevo)

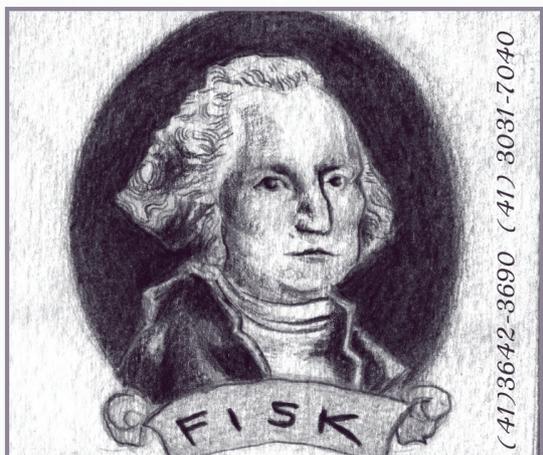


R. ALFREDO BUFREN, 51, CENTRO - CURITIBA/PR



AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO - ARAUCÁRIA/PR

AV. DR. VICTOR FERREIRA DO AMARAL, 342, CENTRO - ARAUCÁRIA/PR

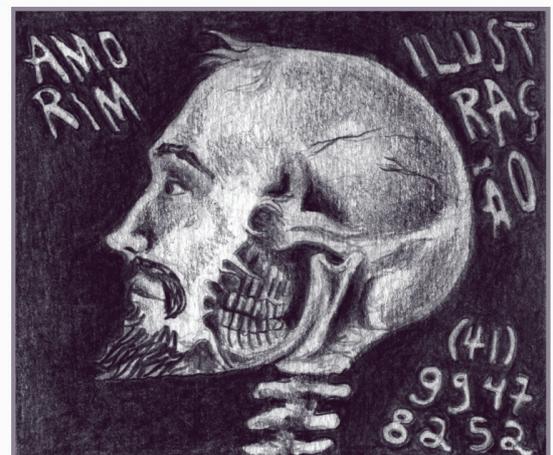


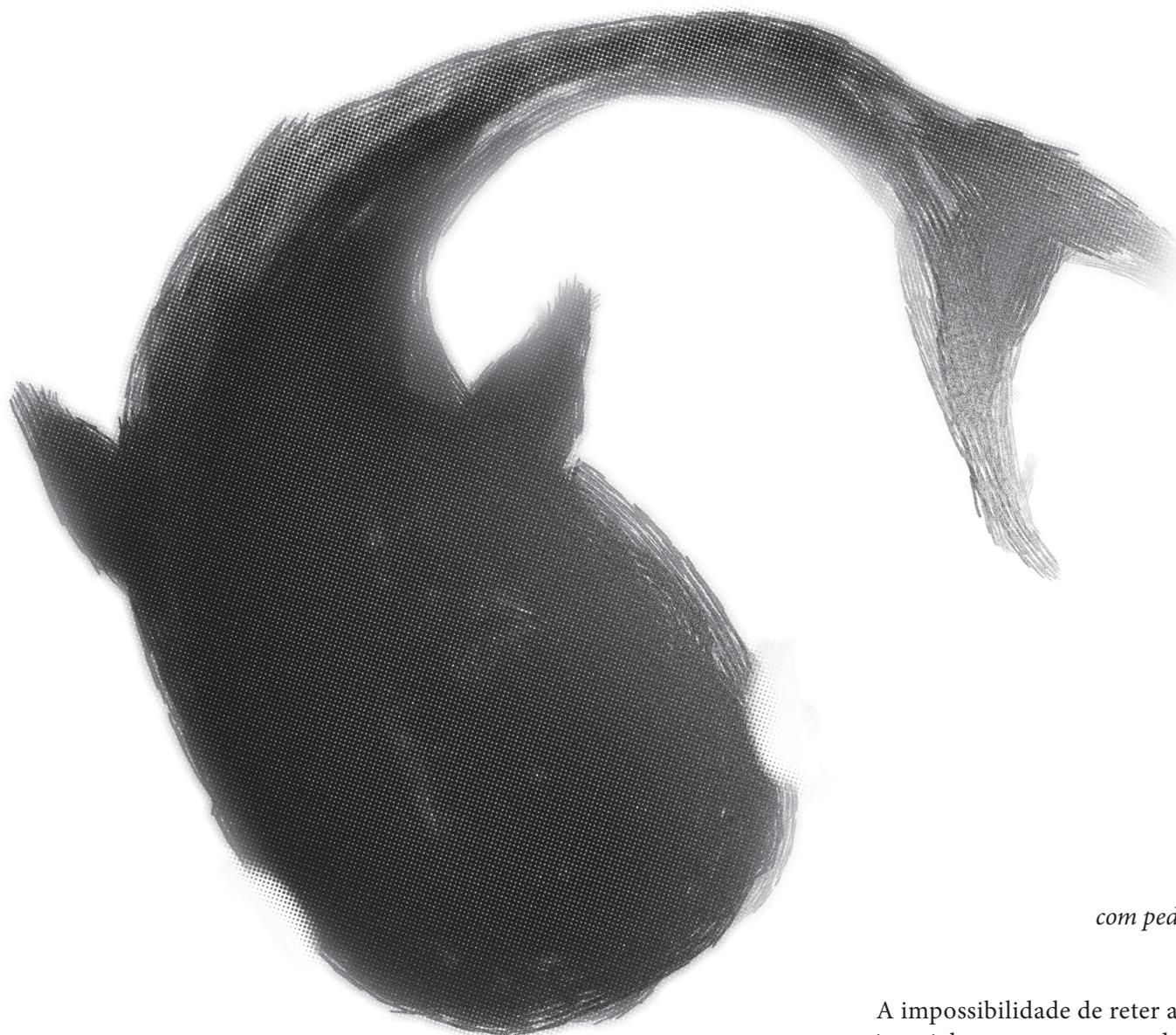
R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

Ei, você! (é, você mesmo!)

ANUNCIE NO RELEVO!!!

entre em contato:
jornalrelevo@gmail.com





com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes.

LADRILHOS.

Gustavo Jugend

A impossibilidade de reter aquele instante de nudez fez-lhe atirar violentamente o rastro de barba nascente sobre a mão direita espalmada. Aquela moça à sua frente solfejava suspiros e mandava trazer ladrilhos de além-mar e montanhas; jóias e broches de fronte e trás rios, inversão de polos e hemisférios. Rubis de bordas arredondadas emoldurados em safiras e esmeraldas alternavam-se abrindo em seus ombros como islâmicos bordados. Deles pendia em sua pele trilha cravejada de diamantes e girassóis, espiralando seu pescoço, por sobre os seios, rodando a cintura e o colo. Juntando em brilho, o ritmo daquele respirar atingia a parte traseira da coxa esquerda e, em mais uma volta, desaguava no tornozelo, de onde ramos se abriam até os dedos. Como novas Três Marias, em suas costas uma série de camafeus girava seu bordado incessante qual um carretel de desejos. Sobre o delta ali exposto iniciou estrada de azulejos e demais cerâmicas – descia pela coxa direita, joelho e terminava em sutil entorno no calcanhar. Finalmente, sobre o couro cabeludo, fios de ouro lhe esculpam em sol. Em seus olhos um demiurgo qualquer providenciou e pingou-lhes duas pedrinhas de brilhante. Completamente vestida de nudez, esperava por seu amor passar. Aquele rapaz, para quem a moça não se havia ladrilhado, julgava-a encoberta, sua cabeça pesava na mão.

Não sei de que bairro você é.
Eu sou do Capão da Imbuia,
lado leste da cidade,
onde não há prédios nem playgrounds,
e a serra ao longe ensina
lições de repúdio à Curitiba.

anote aí:
25°26' de latitude
49°12' de longitude
mais a vontade de estar longe
e essa eterna incompletude

O pai dizia:
“é a última bola de capotão que eu compro,
não vá por no macadame”
como é que eu ia explicar pra galera
nosso time tinha jogo
o Alviverde do Capão
a camisa verde abacate foi a camisa feia
mais linda que eu já vesti
foi o Sergião que tingiu
o Everaldo me derrubou
eu levantei orgulhoso e falei pro Leco bater
cabeceei de peixinho
1x0 pra nós
até hoje vale mais que um mundial
O Pancho segurou tudo no gol
Hoje ele está morto
Hoje é um ontem que reinvento a todo custo

A Fernandinha era linda
hoje é prostituta
colocamos quinze bombas caseiras no muro da casa dela
só pra ela nunca mais nos chacotear

Eu mesmo de soltador de foguete na casa do vizinho
Ascendi pra professor
Tenho vizinho que diz que eu
Até escrevinhei uns livros

Capão da Imbuia
Sempre comigo

Capão,
você me ensinou a rebeldia e a revolução
época de ameixas, madeixas e améns

quem tinha dread não curtia sertanejo
cabelo era cabelo
com 15 eu e o Marcelo deixamos
meu padrinho dizia que eu era veado
minha mãe falou, ele é poeta, o corte é igual ao Castro Alves,
meu padrinho disse:

CAPÃO REVISITADO

O Castro Alves era o Castro Alves,
eu aceitei aquilo como um desafio

a Jussara e as bandas punks e darks
meus poemas na parede do bar da dona Dinica
onde fiz minha carteirinha de sinuca oficial

Mercearia Dalke
o falecido seu Pedro
mostrava mulher transando com cavalo
quando a gente ia comprar doce de amendoim

um dia de porre
eu caguei bem no buraco da fechadura dele
fiz só para alegrar meu amigo
quando descemos do madrugueiro

minha vida, minha risada, minha poesia

Foi o capão que me privou de ser um burocrata,
O capão me salvou.
Eu estou limado,
Foi minha triagem,
Essa é minha escola

Maria Aguiar
O Marcelo mandou uma carteira do segundo andar
O Mamed assustava a gente só com o nariz
O Guidas e o Marinho guentaram o Daniel
Cortamos a orelha da Ana Paula
puxamos o brinco dela em quatro
O Luisinho, o Denilsinho e o Rodela...
Naquela tarde passei a mão na guria
ela me pegou na corrida
tomei um tapa
mas até hoje foi a melhor bunda proibida que peguei

Capão,
o time do Almir era o mais temido do grêmio
ele foi me ver num recital
ficou orgulhoso
quando me vê de longe ele grita
FALA POETA,
já a dona da espelunca
não queria nem que a poesia existisse

Capão foi a minha ascese
meu ás, minha catequese →

ADRIANO SMANIOTO

a gente ia na missa das dez
o grêmio já tava jogando
eu olhava admirado
nem sabia que ali do lado de fora
30 anos antes
minha mãe tinha admirado o camisa 7
meu pai,
ponta direita e primeiro tesoureiro
hoje só tem a igreja
e as lembranças
toda grama e toda areia
viraram sobrados da gente
que nunca viu a mangueira
aqui atrás de casa
nem o lago,
nem meu avô João Rosa,
cego, cuidando do seu gado

Capão, você é aquele carrapeta da TZL
subindo com a bandeira do Charles Chaplin,
era domingo
a fogueteira debulhou lá em cima,
todos vimos,
você é a Caça-Balões, a Amizade,
a Cobras do Ar
e é claro
a Pirâmide e a Turma da Bruxa
que foram as minhas turmas

Capão, meus vizinhos,
meus amigos,
minhas invenções e travessuras

Capão,
Um dia, bacana estrangeiro,
Vai aprender a soletrá-lo:
A-r-r-u-i-a c-a-p-ã-o d-a i-m-b-u-i-a,

Capão, eu estou ficando velho.
Por isso vim aqui cantá-lo,
acho que você um dia,
eu não queria,
vai ter que acabar,

Capão,
talvez esta estranha vida
seja um arremedo daquela infância genuína,

você é o meu Recife de Bandeira,
a minha Lisboa de Pessoa,
toda uma vida inteira

graça, glória e ruína,

minha essência verdadeira. ●



TIPOS DE HUMANOS EM HOSTELS

Juliana Bauer

Tipos de humanos que conheci em minha primeira experiência em um hostel: as inglesas que falavam em unísono, o casal golpista de alemães, os americanos que nunca ouviram falar de David Bowie, o gaúcho professor de novas gírias (“sereno” e “afudê” entraram para meu vocabulário cotidiano) e a viúva americana com transtornos de personalidade. Sem dúvidas, esta última foi a única que provavelmente me causará pesadelos por uns bons meses.

Ela chegou para se hospedar em nosso quarto de oito pessoas no Bulldog Hostel, em Amsterdã, com um discurso sobre como gostava de conhecer jovens mulheres tomando as próprias decisões. Era de Virginia, mas morava há 14 anos em uma cidadezinha alemã e, até então, não tinha aprendido palavra alguma em alemão. Aparentando ter uns 60 anos, a nova colega se mostrou divertida e viajada. Lembro-me de ter comentado com a minha amiga: “Isso vai ser interessante”. Não foi.

No segundo dia, ela já declarou seu ódio pelas inglesinhas. É que elas comiam salgadinhos e bebiam energéticos, deixando sujeira em todos os cantos. Os “Hi-iiii” e “By-yeee” em unísono também irritavam a americana, que tinha servido o exército dos Estados Unidos por umas boas décadas e demonstrava uma rotina de organização bizarra. Em um episódio de *slut-shaming*, ela fez com que uma das meninas fosse se vestir no banheiro do quarto, pois achava ultrajante que a menina saísse do banho só de toalha – mesmo que o quarto fosse só de mulheres.

Por algum motivo desconhecido, “Virginia”, como começamos a chamá-la secretamente, nos amou. Queria tomar café conosco. Queria nos acompanhar até a estação de trem para garantir nossa segurança. Queria nos oferecer Gatorade para curar nossa ressaca. Nós só queríamos que a Virginia fosse embora logo.

Virginia se dizia amiga do gerente do hostel e ameaçava banir do local qualquer pessoa com comportamento que ela considerasse inadequado. Comprava patos assados inteiros e os comia no lobby. Usava uma única calça de pijamas larga demais e curta demais durante qualquer hora do dia ou da noite. Estava preocupadíssima com o estado de saúde de Barbara Bush. Previa um futuro cheio de DSTs pras inglesinhas, a quem ela tinha batizado de “little pigs”. Ficamos com pena das inglesinhas – apesar de desorganizadas, elas tinham uma rotina de acordar tarde e gritar para as outras tudo o que tinham tuitado bêbadas na noite anterior, com frases bombardeadas de hashtags.

Acordei de uma soneca vespertina lá pelas 18h30 com a louca da Virginia trepada na escada do meu beliche, me cutucando vigorosamente e pedindo para que eu apagasse a fraquíssima luz individual que eu tinha usado mais cedo para ler. Ao perceber a minha lentidão para acordar e compreender por que diabos aquela louca estava na minha cama, ela se esticou toda naquela calça medonha e apagou minha lâmpada sem meu consentimento. Acordei minha amiga e caímos fora dali.

Por um lado, Virginia jogou um balde de água fria em nossa experiência no hostel. Por outro, ela realmente intensificou nossa experiência em Amsterdã – para evitá-la, ficávamos acordadas e longe do quarto do hostel o tão tarde quanto suportávamos, o que nos deu a chance de conhecer melhor a cidade e os tipos de humanos como o casal de golpistas alemães e os americanos que desconheciam David Bowie. E, como ela mesma me disse, em um momento raro de lucidez: toda viagem é a melhor viagem. ●

M A N O R A M A

Cláudia Lopes Bório

Manorama foi um nome inventado ou um nome que eu ouvi nas notícias. Manorama foi um nome inventado ou um nome que saltou para meus ouvidos, um nome que alguém falou, um nome que gritou chorando do meio da noite para o mundo. Manorama, morando à beira dos campos de arroz. Manorama, seus pés pisavam a lama dos arrozais, os caminhos em meio aos campos inundados. Manorama, à noite somente os mosquitos acariciavam seu rosto. Seu rosto, aos poucos, como pétalas de jasmim, deixava escorrer uma lágrima que secava sem ninguém perceber. Manorama, menina, panorama, o arroz na panela todos os dias. O arroz era sua incumbência diária. Manorama, um dia o arroz não ficou pronto a tempo como deveria. Manorama, um dia eu ouvi seu nome e sei que não foi imaginação. Se foi um sonho, todos devem me perdoar, pois sei que, em algum lugar, Manorama existiu. Manorama, fazedora de chapéu trançado, caminhando com os pés na lama dos campos de arroz, sentindo o perfume das frutas e olhando uma nuvem pesada de chuva sobre as montanhas distantes. Manorama sabendo que nunca, nunca deixaria os campos de arroz. Manorama, um dia, deixou de fazer o arroz na hora certa. Ela nunca sabia quando era a hora certa. Manorama não tinha relógio e às vezes se distraía olhando as borboletas sobre o campo de arroz. Manorama, suas mãos morenas, seus dedos sem enfeites, a panela, o arroz, o fogo no fogão de lenha. O cheiro de esterco dos campos de arroz, a umidade que subia do chão, o calor, o suor aos poucos descendo pela nuca. Um dia, um dia, Manorama deixou de fazer o arroz na hora certa. Um dia, um dia, gritou um pássaro em uma árvore, Manorama, não havia arroz pronto quando os homens voltaram do trabalho no campo. Voltaram, voltaram com fome, voltaram querendo sentir o cheiro do arroz cozinhando na panela e o fogão estava frio, o fogo quase apagado e não havia panela alguma. Um dia Manorama se distraiu e não cozinhou o arroz na hora certa. Um dia, um homem chegou do trabalho com fome. Manorama era tão ninguém, tão nada, apenas um mosquito acariciava seu rosto à noite, apenas a lama se preocupava com as solas de seus pés. As mãos de Manorama sabiam que lavar o arroz com água era a melhor carícia que elas jamais experimentariam. Mas um dia Manorama não fez o arroz na hora certa e ele a matou, por isso ele a matou, ele a matou com um golpe de seu facão. A cabeça de Manorama caiu rolando pela varanda e foi parar na beira de um campo de arroz, olhando para aquela muda pequena mas já carregando um cacho de arroz pesado, muito pesado, pesado demais para ela. Por isso tudo ele a matou, porque o arroz não estava cozido na panela, e Manorama nunca mais caminhou, Manorama nunca mais cantou na beira dos campos de arroz. ●

1º Campeonato RelevO de Modestos

Regulamento: O 1º Campeonato RelevO de Modestos será disputado em turno único, todos contra todos, mas com respeito ao trabalho e à carreira de cada um, pois a cultura fortalece. Aquele que fizer mais elogios elegantes ao talento do adversário vence. Não é permitido o uso de duetos, exceto no caso de Criolo. É permitido ouvir reggae no intervalo. Ser publicamente a favor de biografias acarreta em W.O. à equipe envolvida. O troféu é ver de perto uma jam session do Ed Motta + oito anos de assinatura da Globo News + contrato com a gravadora para a compilação em vinil de cada um de seus shows.

Estádio: Olimpo-Olímpico.

Quando: a lua começar a se fazer intensa lá no céu e o sol disser “adeus”, feito um blues na primavera.

Ingressos: “Você sabe com está falando?” na porta do evento.

Festa de encerramento: Stand-up comedy com as meninas do Jô.

MPB & afins

- 1 – Elis Regina
- 2 – Lulu Santos
- 3 – Banquinho & Violão
- 4 – Gilberto Gil
- 5 – Caetano Veloso
- 6 – David Byrne
- 7 – Tom Jobim

Técnico: Djavan

Suplentes

- Tiê
- Pelé
- Renato Russo

Rap in Concert

- 1 – Criolo
- 2 – Criolo
- 3 – Criolo
- 4 – Criolo
- 5 – Emicida
- 6 – Criolo
- 7 – MC Brinquedo

Técnico: Criolo

Suplentes

- Rapper genérico que grita “na humildade”
- Rappin’ Hood
- Boyhood

Literatura é tudo

- 1 – Ziraldo
- 2 – Oscar Wilde
- 3 – Oscar de La Hoya
- 4 – Arnaldo Antunes
- 5 – Rubem Fonseca
- 6 – Rubem Alves
- 7 – Rubem Braga

Técnico: James Joyce

Suplentes

- 12 – Maitê Proença
- 100 – Marcelo Camelo
- 10000 – Luiz Vilela

Meninos Jornalistas

- 1 – Rodrigo Constantino
- 2 – Arnaldo Jabor
- 3 – Diogo Mainardi
- 4 – Dora Kramer
- 5 – Washington Olivetto
- 6 – Luiz Felipe Pondé
- 7 – Pedro Bial e a Parede

Técnico: André Forastieri

Suplentes

- Blogueiro A
- Blogueiro B
- Blogueiro C

Bactérias

- 1 – Ex-participante de reality show de culinária 1
- 2 – Ex-participante de reality show musical 2
- 3 – Integrante de banda de rock nacional dos anos 80
- 4 – Ex-integrante de banda de rock nacional dos anos 80
- 5 – Campeão Big Brother 2015
- 6 – Vice-Campeão Big Brother 2015
- 7 – Meme da semana que vem

Técnico: Astróloga famosa 8

Suplentes

- Ex-participante de reality show de culinária 2
- Ex-participante de reality show musical 2
- Integrante de banda de rock nacional dos anos 80 2

Dois olhos em branco

Marcos Beccari

No começo é difícil, depois você se acostuma. Não deixa de ser difícil. Talvez não seja uma questão de dificuldade, é que o imprevisto só se cria neste amontoado de dias que se repetem: cada dia que é outro em relação a si mesmo. Por isso você acorda novamente com os vultos que saem dos bueiros ou das bocas bocejantes. Porta o guarda-chuva e se lança ao trabalho. Olhos grudados no chão ou no carro que freia na frente. Fileiras que rezam a missa dos semáforos, vagões lotados por aqueles que miram o fim do túnel. Corre sem pressa e nem se dá conta do que manchou de roxo a tua perna. Lembra-se de fazer tudo devagar, com muita calma. Após usar o banheiro, você aperta o interruptor de luz e, por alguns segundos, espera que isso acione a descarga. Será preciso apertar novamente para manter-se acordado? Daquilo que teus olhos querem prever eles ainda conseguem se lembrar?

A chuva é tão densa quanto o cheiro de café e pão fresco que preenche o ar. Em meio aos passos em sincronia, qualquer fingimento é melhor que as convicções desgastadas. Adormecer novamente os demônios e resolver logo as pequenas coisas, até porque as grandes continuarão encalhadas no travesseiro. Entregar-se ao dia com a docilidade do sorriso alucinado da moça cega que faz o café. Dois olhos em branco num rosto erguido para o nada. Sorte que ela é bem concentrada. Assim como você, que nunca se distrai com estas coisas. A não ser com o jeito desengonçado com o qual se concentra nela agora. Porque é preciso concentrar-se para não se distrair. Agora você pensa em algo e daqui a pouco acrescenta outra coisa, e logo outra, sem que exista relação alguma entre tantos pensamentos.

Disciplinadamente ao acaso, lembra-se de como a dentista ensinava a escovar os dentes: devagar, girando e voltando. Terminar apenas quando cansar. Sorrir dá

trabalho, mesmo para quem possui bom senso de humor. A não ser para a moça-do-café, que continua a sorrir por saber que qualquer pessoa serve quando se trata de sorrir. Mas especialmente para você, que só chega cedo porque tem preguiça de fazer café em casa. É preciso conferir as notificações ainda penduradas no celular, os diálogos interrompidos, as reações mais indiferentes dos sorrisos sem nome. Nomes que desaparecem como questões em aberto de um pode-ser-que-não. Curioso é como a moça-do-café ainda sabe o teu nome.

Por um momento parece que ela te olha lá de trás do balcão. Como se perguntasse qual é a fronteira atrás da qual um rosto deixa de ser reconhecível. Ou durante quanto tempo um nome que se distancie na doença ou no esquecimento continua sendo pronunciável. Você responde, em silêncio, que a memória tem menos a ver com o que não se pode mudar e mais com a precisão de cada sentido que se altera a partir disso. Pois a mancha de café no avental da moça nunca é a mesma mancha: a cegueira da mancha é sua total incapacidade de manchar do mesmo modo. Não há mancha alguma antes da coisa manchada, antes do olhar distraído que não a anteviu, mas que continua a manchar o que não mais enxerga.

Ela sorri novamente, para ninguém, como que em secreta complacência – “sei que você está aí, olhando para mim”. Então é como se você pudesse olhar de frente para trás, do ponto de vista do ainda não acontecido: começa a pensar numa sucessão de falsas lembranças, em detalhes nunca percebidos, sem haver o menor resquício do rumo que as coisas tomaram. Será possível descobrir no que vivemos alguma parcela não vivida, desconhecida, coisas que aconteceram como se não tivessem acontecido? Confusa esta evidência em que você passa a se concentrar: o mundo agora está vazio, sem rostos nem sorrisos, apenas vozes e ruídos. Teu apartamento, as ruas, o escritório, tudo continua ali, como antes, com a presença de todos aqueles que de repente desapareceram, mas que permanecem ali.

No começo é difícil, depois você se acostuma. Não deixa de ser difícil. Você continua às cegas, sem cura possível a não ser a das próprias lembranças, procurando nelas um sorriso que ninguém mais vê. Se você conseguisse se concentrar o suficiente poderia compartilhar esta distração que o mantém concentrado. Uma desatenção mais atenta aos detalhes, ao asfalto, aos prédios, ao céu que se esconde nas nuvens. Você pensa nas inúmeras gerações que passaram e que não estão mais por aqui, e compreende que tudo isso é esquecimento, nada mais que esquecimento que chegará ao absoluto assim que você também não estiver. Felizmente, antes disso será preciso pagar o café, recobrado na reversibilidade do acontecido, que só veio a acontecer da mesma forma irreversível que poderia não ter vindo.

É o que dizem: o que realmente acontece, acontece em silêncio. Mas não se distraia, é preciso não acreditar demasiado no sorriso daquela moça. Sorriso duplo que leva diretamente daquilo que não se consegue enxergar àquilo que inevitavelmente se vê, que é o mesmo. Por mais que a história de alguém não se confunda com a de outrem, todas coincidem com um mesmo interruptor que nunca aciona a descarga. A moça-do-café continua sorrindo como uma palavra não dita. E você sorri de volta, sem mais a pretensão de supor que ela ainda não o saiba. ●



Cambiante es mi palabra favorita

Julia Nascimento

O que eu faço diante desse objeto enorme que tá agora na minha frente? Esse obelisco ocupando a minha mesinha de centro? Esse tijolo que se eu tacasse na cabeça de alguém duvido que não matasse o sujeito. Esse peso morto que eu achei na rua sem capa, sem contracapa, sem dedicatória, sem prefácio, sem sumário, sem capítulos, sem linhas, sem palavras. Mudo e gritante. Gritante e ocupante não só da minha mesinha de centro, mas de grande parte da sala onde eu recebo meus amigos para falar sobre... para falar sobre... Do que mesmo a gente fala?

Às vezes ele aparece sem mais, assim sem ser convidado, na mesa de jantar, em cima da geladeira (com respingos de molho de tomate), no bidê do banheiro (com respingos de água derivada da pia ou da privada ou dos meus olhos). Na maioria das vezes é água dos meus olhos mesmo. É porque ele é muito solitário, sabe. E aí eu me sinto triste. Tão triste que eu fico com o olho todo inchado, com os dois olhos feios e inchados de molho de tomate ou de água da pia ou da privada. Não, não. Me desculpa. Com os olhos inchados de lágrimas. Escorrendo, rolando, encharcando a cara toda, até eu não ter mais lugar seco no punho para secar. Ai a água molha as mãos e o antebraço direito cheio de catarro e a gola da blusa serve para assoar.

Aí também eu perco a paciência e preciso fazer alguma coisa, devolver a ofensa. Coloco-o para segurar porta em dia de vento forte. Mas aí também não é bom, porque me dá trabalho. Cansa ficar me revezando pelos quartos porque a casa tem muitas portas e ele é um só. Então as portas inevitavelmente batem e eu volto a colocá-lo na estante, onde ficam outros mais ou menos tristes do que ele, mas que não são como ele porque não servem para segurar portas e não são ocupantes privilegiados da minha mesinha de centro.

Na minha mesinha de centro, ao alcance vicioso das minhas mãos que ainda estão secas e então podem segurá-lo com a firmeza das coisas que não escorregam. E porque não escorregam, não caem num abismo muito profundo e muito fundo e escuro que deve ser infinito porque a gente nunca ouve o barulho que os objetos (sendo eles tijolos, obeliscos ou pesos mortos) naturalmente fazem quando batem no chão. Ou quem sabe não façam barulho porque nunca há ninguém para ouvi-los, já que a gente se cansa e vai embora antes do fim do poço.

Tê-lo ao alcance das minhas mãos é, para mim, levar uma daquelas rasteiras que a gente leva quando menos espera e que te derrubam tão fatalmente quanto as que você já estava esperando. As rasteiras, tanto as esperadas quanto as não esperadas já que elas têm o mesmo poder de derrubamento, te deixam com o nariz colado no chão. Respirando a poeira que naturalmente existe mesmo no chão mais limpo dentre os chãos mais limpos do universo dos chãos limpos.

A questão é que a pressão do chão empoeirado te comprime os pulmões. As costelas doem. Os pulmões só abrem pela metade. Somente 50% do ar entra pelas narinas e percorre todo o famigerado sistema respiratório até o seu cérebro. Só 50% do ar... Só 40% do ar... Só 30% do ar... Só 20% do ar... Só 10% do ar. Não, não, menos de 10% não, por favor. Ar. Ar. Ar. Você implora. As costelas ardem. As costelas ardem, mas a dor das costelas é maior e não tem nada a ver com o substantivo “costelas” nem com o verbo “ardem”.

Na verdade, não importa porque agora você já esqueceu como se fala. Agora você é objeto mudo e ocupante do espaço assim como meu grande livro na minha pequena mesinha de centro. A literatura é... estou sem ar! A literatura serve para... não consigo respirar! A literatura me ensinou a... tudo o que eu quero é poder me levantar outra vez. ●

– Jesus é que nem ladrão, irmão. Cê acha que ladrão avisa quando vai roubar? Não irmão, Jesus é esperto. Ele vai aparecer, mas não vai avisar ninguém. Eu podia tá fazendo muita coisa errada, irmão, e agora eu quero a sua colaboração.

Isso é proibido por lei. Tem uma placa atrás de você dizendo que você não pode pedir esmolas.

O pacote de agulhas que ele tinha em suas mãos irritava-lhe. Ele queria ajudar o ex-usuário de drogas.

Queria mesmo. *Mas eu não vou ter dinheiro pra...*

– Bom irmão, é isso aí, obrigado por segurar as agulhas, obrigado por me ouvir irmão.

Eu te daria o dinheiro... Se você insistisse mais um pouquinho...

– Coisa louca, né?

– Oi?

Havia uma garota de cabelo bagunçado do outro lado.

– Ai, desculpa. Ai, licença. Peraí.

Ela se contorcia por entre as pessoas do ônibus.

– Ui! Consegui. Oi.

Olhou-a.

– Oi.

– Coisa louca, né?

Por que ela está falando com ele?

– O quê?

– Ah, vender agulhas.

– Ahm... Vender agulhas? Que há de errado nisso?

– Essas agulhas não valem nada, nada... Podiam ser dadas de graça. Mas há, por detrás de suas pontas contundentes, a esperança de tantos pobres, pobrezinhos...

Por que você fala comigo?

– É de chorar, não é?

– Realmente muito triste.

– Mas eu não choro, menino. Não choro. Todas as lágrimas, de todos os seres humanos, gotejam, caem na terra e se unem... Como veias tristes por debaixo do chão, alcançam o fundo, o profundo, e criam um núcleo de gravidade que nos puxa para baixo... Não quero ser parte disso.

– Que crença engraçada.

– Crença? É fato.

– E as lágrimas de alegria?

– Sublimes, evaporam... Ah, mas não tente me entender... Eu sou uma romântica mesmo!

Ela jogou-se na barra do ônibus e suspirou.

– Um dia, se Deus quiser, vou chorar de alegria... É meu sonho.

Ele riu.

– Ué? Nunca chorou de rir?

– Já, mas não vale. Quero chorar de amor...

– Quantos anos você tem?

– Dezesseis.

– Entendo. Então você deve estar esperando um príncipe encantado... Não caia nessa, eles não existem.

– Ah, não, eu sei disso! Apenas quero me casar. Quero ter filhos. Essas coisas todas. É o sonho de todos nós no final das contas, não é?

– Nossa, não, eu não quero me casar, não mesmo. Casamento deve ser o inferno, fala sério. Eu não quero viver a vida que, sei lá, meus pais viveram.

– Ah, mas você quer ter uma família, vai. – Ela piscou.

– Bom... Quero, sei lá. Mas acho que quero uma família do coração. Uma família que eu escolha. Com amigos talvez.

– Bobagem sua... Aposto que você quer um cuidadinho do seu amor... Uma briguinha de vez em quando. Uma coisa que te faça lembrar porque escolheu aquela pessoa...

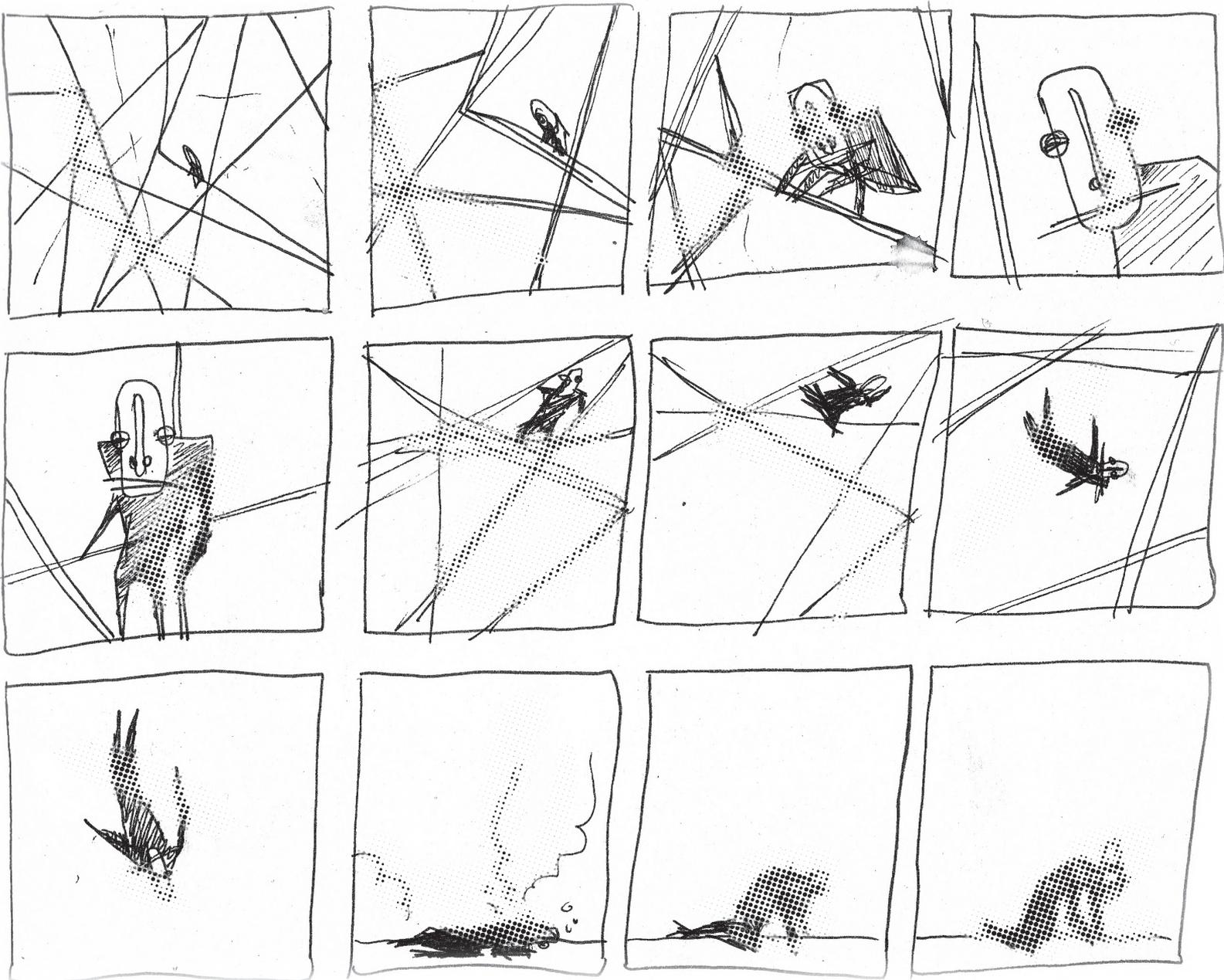
– Acho que o amor transcende essa coisa de relacionamento, de ser um casal, de efetivamente “construir” alguma coisa. Acho que as pessoas têm diferentes necessidades, acho que podemos suprir nossas necessidades de maneiras diferentes... Eu, particularmente, não preciso me casar pra ganhar qualquer coisa...

– “Ganhar qualquer coisa.” Você é engraçado.

– Não entendi.

– Não precisa. Eu quero viver uma grande história de amor. Quero um amor pra vida toda. →

Otavio Terssi



– Mas você não precisa de outro alguém pra ser feliz.

– Ué, mas eu sou feliz! Só falei que quero viver uma grande história de amor.

Ela sorriu com graciosidade.

As portas se abriram e ela deixou o ônibus.

– Bom irmão, é isso aí, obrigado por segurar as agulhas, obrigado por me ouvir irmão.

Ele olha para os lados. Ainda está lá, ainda está pensando no que fazer, procura a menina, mas não a encontra, procura o espaço pelo qual ela se contorceu, e não vê, não vê o espaço, não viu o tempo.

– Ei, espera aí.

O vendedor vira-se.

– Eu vou querer sim. Eu vou querer dois pacotes.

De agulhas no bolso, segue seu rumo sem ter certeza do que vai costurar.

Eu sei costurar?

Eu aprendo.

Tenho muitas agulhas pra me espetar. ●

Tréguas pontuais (ou não-descrições discretas)

Giovani Kurz

I

Bom dia: o cumprimento de uma ordem de ordem social, respeito à regra invisível (não invejável). Porém é raro ver o dia florescer em algo efetivamente bom. Como a noite (boa noite), que se fecha (introspectiva) em silêncio, em solidão, em uma recorrida depressão, em um copo (e outro – e outro) de bebida ardente, como um beijo de que a boca se ressent, mas saudade sente – no fundo sente.

II

Sobre tudo o que escrevo, penso. Penso sobre a morte, o suicídio. Penso no valor que a vida tem – ou deveria ter. Enquanto coloco as roupas (as calças) numa manhã de inverno, penso no que vou escrever. Escrever sobre o frio de uma manhã de inverno ou sobre não ter alguém para amar no frio de uma manhã de inverno. Ou então, quem sabe, sobre o céu laranja de um sol nascente em uma manhã de inverno de céu sem nuvens. Não escrevo sobre você, contudo. Não quero escrever sobre você nessa manhã de inverno. Porque sobre tudo o que escrevo, penso.

III

para gi f.

Somos ato e espaço buscando uma pequena fenda em toda essa escuridão, somos dois passantes (de mãos atreladas, de pulsos colados) tentando encontrar um facho de luz disperso, o silêncio no eco, a noite neste nascente periférico.

IV

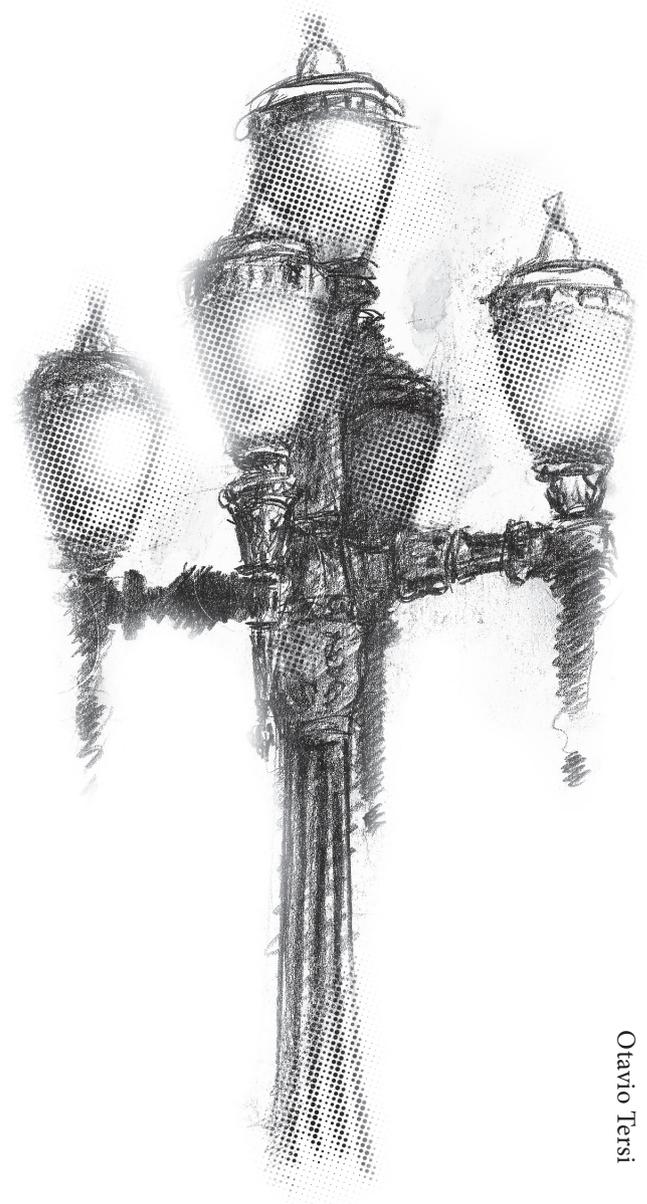
Naquele romance policial jogado embaixo da cama, sim, aquele do Raymond Chandler, de capa azul e letras amarelas, entre as páginas trinta e seis e trinta e sete, há um trevo de quatro folhas escondido, uma tentativa secreta de um dia ter mais sorte não só no amor, mas nesta perigosa atividade de escrever poemas que – obsoletos – insistem em dizer algo, mesmo que você não ouça, mesmo que você não leia – eles resmungam.

V

Quando o último letreiro de neon se apagar, ou quando a última margarida-africana se fechar, haverá ainda a noite pronta para pintar o alaranjado-avermelhado-arroxeadado céu crepuscular de escuridão, pingar algumas estrelas entre toda a treva e derramar a luz da lua pelas esquinas que insistem em cultivar a penumbra ou o perigo ou a incansável brisa gélida que a meia-noite traz. Mas ainda assim haverá no horizonte um último sopro de sol resistindo à entrega, implorando para manter dourada uma mecha da noite.

VI

Nessa noite não há luz. Nem um facho sequer. Meu coração embriagado traz escuridão ao silêncio do quarto (que me golpeia a vista e a memória). Não dou ouvidos aos seus lamentos: o amar é efêmero, o sofrer, perene. E se um dia eu (e ela) caminhamos ao litoral, ou sob um luar esplêndido, ou, quem sabe, por becos escuros à procura de lábios silenciosos prontos para trocarmos suspiros e saudades, agora já não há nada (nem um sopro sequer) – apenas meu coração embriagado, poeta de silêncios e fotografias não reveladas.



Otávio Teresi

O Pai sentou na imundície da cozinha e se lambuzou com a comida no prato. Ele estava na ponta da mesa, enquanto k., a mãe e as irmãs se sentavam nas laterais da tábola – de onde sentia-se o vento frio que entrava pela janela aberta.

O Pai chegara havia pouco da loja e estava faminto, devorando tudo à sua frente. Sem dificuldades poderia devorar a esposa e cada um dos filhos, estraçalhando-lhes os ossos e separando a carne. Inúmeras vezes k. imaginou o Pai engolindo toda a família – ou o cão. Pensou que aquele homem, corpulento, de bigodes fartos e cabeça levemente calva, conseguiria com uma facilidade sobre-humana devorar também os clientes, os empregados e os fornecedores. Era, entre os pensamentos do filho, um verdadeiro glutão.

O mundo de k. era insidioso por demais e, talvez, ele não se atrevesse a preenchê-lo com alguém que não fosse o Pai. A mãe e as irmãs funcionavam como peças importantes, porém menores. Cada vez que estava na presença do Pai sentia como se estivesse diante da Lei. Mas as palavras daquele homem não eram precisas como um Código, ao contrário, se perdiam em um emaranhado de rugidos, grunhidos e xingamentos.

O Pai continuava a jantar e, ao seu lado, um jornal já sujo pela gordura e pelo molho que espirava. Seus olhos perscrutavam os rostos de cada um que estava à mesa, como se estivesse à procura de algo escondido. As feridas que o Pai tinha nas mãos estavam avermelhadas e quentes por conta do clima. k. sempre achava que as feridas ficavam piores e cheiravam mal quando o Pai estava irritado.

E ele desenvolvera um olfato apurado, por isso, sentia o cheiro que emanava do Pai e se alastrava pela casa. Se estivesse escondido no quarto, sentiria; se estivesse trancado no banheiro, ainda assim seria impossível fugir daquele cheiro. Se corresse as ruas do bairro e se atravessasse as fronteiras do estado, k. não poderia se desvencilhar daquilo que era seu.

O jantar terminara, mas naquele momento o Pai falava, em tom solene, cerimonial, mas nada escondia a rudeza de seus modos, as trapalhadas de sua fala e a limitação de sua linguagem. Parecia outro idioma, pouco desenvolvido. As palavras esbarravam na língua e a saliva era cuspidada para fora da boca, acertando impiedosamente tudo o que estivesse em um pequeno raio.

A mãe, uma pobre criatura amortalhada, olhava com condescendência ao marido. Não encontrava em seu próprio rosto nenhuma possibilidade de criar outra expressão após tantos anos vivendo com o mesmo homem. O som de sua mastigação foi sublimado pelo volume da tevé que k. aumentara. Em outras situações, o Pai vociferaria contra o filho os mais impossíveis desígnios, mas sob a égide do aparelho tinha pouca força e sucumbia. As imagens de crimes e assassinatos transbordavam daquela caixa mágica e o homem se anesthesiava.

k. ficara surpreso por vê-lo tão calmo e silencioso. E, pela primeira vez, imaginou que ele, a mãe e as irmãs é que devoravam o Pai, arrancando-lhe as carnes dos ossos. ●

A última tentação de k.

Benjamin
Ganubla

Esqueça tudo o que você sabe sobre HIV

Diário de um Jovem Soropositivo

Meu pseudônimo, Jovem Soropositivo, faz aniversário em 18 de outubro. Escolhi essa data porque me pareceu lógico que ela devesse coincidir com a de meu diagnóstico, que se deu em 18 de outubro de 2010, mas levasse o ano verdadeiro do meu nascimento, 1984. Novo aniversário, mesma idade. Assim, em 2014 fiz 30 anos de idade e, de acordo com a lei, deixei de ser jovem. Também deixei de ser um jovem na vida de soropositivo, pois já são mais quatro anos desde o diagnóstico. Não sou mais um jovem soropositivo, nem um soropositivo jovem.

Contudo, mais importante do que jovem ou não-jovem é o *soropositivo*. Por alguma razão, é o que chama mais atenção no meu pseudônimo. A verdade, porém, é que não me identifico mais com esse nome também. Não, não estou curado. Continuo com HIV, mas o que vejo é que essa designação não serve mais de nada. Não me sinto diferente por ter HIV. Sei que não transmito o HIV, pois, quase involuntariamente, tomo os cuidados mais que necessários para não ser um transmissor. Não me incomoda mais em fazer os exames trimestrais. Sequer me lembro do vírus, mesmo na hora de tomar os antirretrovirais de cada dia. É tudo automático, simples e sem efeitos colaterais. Por isso, também, não me reconheço como uma “pessoa vivendo com HIV/aids”, ou PVHA, termo outorgado pelos ativistas para fazer lembrar que estamos *vivendo*, e o mais apropriado a ser usado em publicações, pelo governo e pela imprensa, a fim de que não nos ofendam ao se referirem a nós.

Mas eu não sou ativista. E posso dizer que acho essa conversa sobre termos corretos uma grande balela. Preto ou negro, caucasiano ou branco, puta, prostituta ou profissional do sexo, gay ou homossexual, soropositivo, portador de HIV ou PVHA, não muda nada. São, sim, um grande engodo da era do politicamente correto, que tenta mascarar o estigma e o preconceito velados em diversas áreas

por detrás de títulos que são nada além de mais bonitos. Nomes devem ser usados para fazer distinções úteis e nenhum desses acima é hoje eficiente nessa matéria.

Em algum momento no passado, PVHA foi útil. Fez lembrar às pessoas que quem tem HIV não está mais morrendo, tal como ocorria no início da epidemia, quando todos acabavam discriminados como “aidéticos”, pois inevitavelmente terminavam desenvolvendo a AIDS. Entretanto, há algumas décadas este não é mais o caso. Estamos, todos nós que nos cuidamos com antirretrovirais, vivendo muito bem, obrigado, e de forma saudável, já há algum tempo.

Hoje percebo que a trajetória de quem recebe o diagnóstico positivo para o HIV não é mais uma trajetória de superação do vírus — este já está controlado. Ao invés disso, quem recebe agora o diagnóstico positivo para o HIV encara uma trajetória de superação de um medo, o qual sequer precisaria existir mais. Esse medo não está diretamente ligado ao que o vírus é capaz de fazer, biologicamente, mas à representação imaginária que ele ganhou.

O HIV nos é apresentado com uma aura terrível, cruel e negativa. Um fardo a ser carregado pelo resto da vida. Um vírus de culpa e vergonha, por ter falhado, por ter feito sexo, pouco ou muito, vaginal ou anal, sem camisinha. Pior, quando nós, soropositivos, tomamos consciência da nossa transmissibilidade, percebemos que este é um vírus com o poder de trazer rejeição social ao seu portador. Também aprendemos que a camisinha previne totalmente o HIV, mas não por isso é capaz de evitar a discriminação.

Com isso tudo, quem é diagnosticado positivo para o HIV tem medo de ter diante de si uma inescapável vida de suplício. Medo de ser visto como diferente. Indo mais além, medo de que se esqueçam que são humanos. De onde vem tamanho peso? →



Desde o século XIV, quando um navio se aproxima da costa trazendo pessoas com alguma doença que apresenta risco de transmissão, se hasteia uma bandeira amarela, que sinaliza o risco de contágio a bordo. É declarada a quarentena. Esse nome não tem origem na sua caixa postal de e-mail, onde ficam guardadas as mensagens *spam*, mas de *quaranta giorni*, 40 dias em italiano; embora hoje refira-se também ao isolamento imposto a portadores de algumas doenças transmissíveis durante qualquer que seja o período de transmissibilidade desta.

É o que vem sendo feito no caso do ebola. Enquanto você lê esse texto, pelo menos um bairro inteiro está sob quarentena na Libéria, assegurada pelo exército daquele país, que tem autorização para matar a tiros quem violar o perímetro demarcado por portões, barricadas e fios de arame farpado. Ali dentro, a comida e a higiene são escassas e os corpos dos defuntos, altamente transmissores do vírus, são empilhados lado a lado. Separar os doentes, mesmo que em condições desumanas, parece ser o mais humano a se fazer. Tal e qual “Ensaio sobre a Cegueira”.

Essa mesma prática se deu no século XVII, com os infectados pela peste na Europa, e no século passado, com os portadores de hanseníase, isolados por anos e anos em leprosários. Em “Vigiar e Punir”, Michel Foucault lembra que quem estava lá dentro era “excluído, separado e estigmatizado. Jogado, juntamente com seus irmãos sofredores, numa massa indiferenciada”. O Dr. Esper Kallás, meu médico, explica que “no caso do Ebola, isolar uma região inteira parece não funcionar. Ao contrário, pode piorar a situação, pois as pessoas começam a deixar o local ‘ilegalmente’, tornando o controle da epidemia ainda mais difícil.”

Mesmo que a quarentena coletiva não seja eficaz, nem útil e até contraprodutiva em alguns casos, ela tem um apelo imaginário muito forte. Traz a sensação de poder e controle sobre a doença — e sobre o doente — e também um sentimento de segurança para a população, completamente ignorante a respeito de controle epidemiológico e riscos de transmissão. Libéria, Guiné e Serra Leoa são os únicos países do mundo que atualmente sofrem com a epidemia de ebola e, por isso, viajantes oriundos destes três pequenos países do oeste africano já estão sujeitos à restrição de entrada nos Estados Unidos e em alguns países latino-americanos. No Brasil, onde não foi imposta a restrição de viajantes, a Anvisa mantém estado de alerta em portos e aeroportos.

Ainda que a epidemia de ebola esteja geograficamente delimitada e sejam bem conhecidas as formas de contágio deste vírus, o medo, mesmo infundado, prevalece: qualquer um que viaje para qualquer país da África ou que se pareça fisicamente com um africano pode sofrer discriminação, como tem acontecido nos Estados Unidos e no Brasil. Apesar dos enormes avanços na prevenção, controle e tratamento, o mesmo ainda se dá com o HIV, infinitamente mais estudado e conhecido do que o ebola. Desde meados dos anos 80, vários países ainda mantêm leis segregatórias contra soropositivos, impedindo nossa entrada para turismo e residência.

É como se houvesse uma imposição velada de quarentena. É verdade, o isolamento de portadores de HIV nunca foi de fato imposto, mas também nunca foi de fato revogado. Nós, soropositivos, experimentamos algo mais sutil e constante. Inclui alguma semelhança com o requisito básico para a aceitação social do isolamento: as primeiras campanhas de prevenção ao HIV cumpriam a função de transferir o medo da doença para o medo dos portadores do vírus, retratados em peças publicitárias como animais peçonhentos. Não humanos, mas bichos.

Talvez essas assustadoras campanhas tenham mesmo tido um profundo impacto no imaginário coletivo, e até hoje nele permanecem, mais fortes do que a camisinha. Ou, quem sabe, o imaginário coletivo é que seja naturalmente predisposto a transferir o medo da doença para o doente, de forma automática. Medo que o mundo vire como o seriado “Walking Dead”. Seja como for, o que o mundo esquece é de olhar para o lado de quem está sob quarentena. Se o fizesse, talvez se sentisse mais seguro.

Um dos principais anseios experimentados por quem recebe o diagnóstico positivo para o HIV é o medo de transmitir. É o maior de todos os medos. Faz com que muitos soropositivos voluntariamente se isolem, proclamando suas próprias quarentenas, abandonando seus parceiros de sorologia discordante, soronegativos. Faz com que muitos redefinam sua identidade como eternos solteiros e solteiras. E faz com que passem a acompanhar de perto as notícias a respeito da pesquisa da cura, como se essa fosse a única salvação para seu isolamento.

Em algum momento, também pensei que seria assim comigo. Também tive medo da minha transmissibilidade e, por isso, não entendia por que meu médico insistia no contrário. Você é um parceiro sexual *seguro*, dizia ele. Ainda assim, essa ideia me parecia mirabolante. Como é que eu poderia ser seguro o suficiente para não ter que hastear nem uma bandeirinha de quarentena? Algum risco, pensei, deve haver! E existe, precisamente quantificado: quem toma antirretrovirais e mantém carga viral, que é a quantidade de vírus no sangue, reduzida a níveis indetectáveis, tem o risco de transmissão reduzido em pelo menos 96%. Esta estimativa foi obtida em dois diferentes estudos, HPTN 052 e Partner, conduzidos em diversos países e endossada por consensos médicos americanos, britânicos, canadenses e, mais recentemente, suecos.

Esses consensos traduzem a estimativa matemática de risco de transmissão a partir de um soropositivo em tratamento e com carga viral indetectável como “negligenciável”, “mínimo” e “muito baixo”, de acordo com o tipo de sexo (oral, vaginal ou anal) e, no caso do consenso sueco, como “bastante reduzido” para o compartilhamento de seringas durante o uso de drogas injetáveis.

Com camisinha e carga viral indetectável, os americanos afirmam que a redução no risco de transmissão é de 99,2%. Parece bastante! Mas será que isso é suficiente para poder me sentir totalmente seguro a respeito da minha transmissibilidade? Para responder a essa pergunta, me pareceu coerente fazer a comparação mais natural de todas; aquela que eu faria, se ainda fosse soronegativo: - Um parceiro sexual que faz o teste de HIV e tem resultado negativo é mais seguro do que eu, disse ao Dr. Esper. “É o que dizem esses estudos, HPTN 052 e Partner.”

Nesse momento, o doutor fez que não com a cabeça.

- “Não, Jovem”, disse ele. “Acho que você entendeu errado a mensagem desses estudos. Você é *mais seguro* do que isso”, corrigiu o doutor. “Vou tentar explicar melhor. Em primeiro lugar, em ciência não existe nada 100% seguro. Em segundo, a margem de redução na transmissibilidade que observamos em pessoas como você, que têm HIV e cuidam da saúde, tomando antirretrovirais e mantendo a carga viral indetectável, é muito alta. Mais alta do que outros métodos de prevenção já observados. Por isso, sabemos que pessoas como você não transmitem o HIV, mesmo em caso de falha no uso da camisinha.”

- “Ainda assim, doutor, soronegativos não têm HIV...”

- “É verdade. Entretanto, eles correm um risco que você não corre mais: o de se tornar uma ‘pessoa de sorologia desconhecida’, um *sorointerrogativo*, que é um parceiro sexual potencialmente portador do HIV sem saber e, nesse caso, altamente transmissor do vírus. Sempre que um soronegativo fizer sexo desprotegido e, em seguida, não realizar o teste de HIV respeitando o período da janela imunológica, ele é um *sorointerrogativo*. Você, por outro lado, é um indivíduo que sabe da sua sorologia positiva e que cuida da saúde, tomando antirretrovirais consistentemente. Por isso, mesmo em caso de falha no uso da camisinha, você está protegido de ser contaminado novamente pelo HIV, pois os mesmos remédios que você toma para controlar o vírus também funcionam como prevenção, e de transmitir o vírus, pois tem sua carga viral indetectável. Nesse sentido, considerando o risco que os soronegativos têm, de se tornar sorointerrogativos, é, sim, mais seguro manter um relacionamento estável com uma pessoa como você, que vive com HIV, ciente da sua condição, diagnosticado e que se cuida, tomando os antirretrovirais, fazendo →

exames trimestrais e mantendo carga viral indetectável, do que com uma pessoa soronegativa, que eventualmente pode ‘pular a cerca’ sem camisinha e contrair HIV?”

– “O que esses estudos descobriram é impressionante!”

– “De novo, não é bem assim, Jovem. Ninguém *descobriu* nada. Quando saiu o resultado do HPTN 052, falei com o médico que coordenou o estudo, a fim de parabenizá-lo por sua fascinante descoberta. Afinal, este é um dos trabalhos na área de HIV mais citados e comentados desde sua publicação. Ele imediatamente me corrigiu e disse: ‘Esper, nós não descobrimos nada. Apenas confirmamos o que já era observado desde o início da epidemia.’”

Depois de uma breve pausa para que eu assimilasse o conteúdo, o doutor continuou:

– “Jovem, não existe, na história da epidemia, um único caso registrado de transmissão do HIV a partir de quem foi diagnosticado, faz tratamento e tem carga viral indetectável. Simplesmente isso não foi documentado na literatura médica até hoje. Ou seja: o controle da carga viral no sangue também controla a carga viral nas secreções genitais.”

– “Eu não apresento risco algum de transmitir HIV?”

– “Não. Só teria se parasse de tomar seus remédios.”

– “Então, doutor”, prossegui, depois de refletir por um instante. “O maior problema do HIV é um problema de imagem?”

– “Sim. A imagem que o HIV carrega é muito negativa, grave, pesada. E é isso o que mantém vivos o preconceito e a discriminação.”

Saí de seu consultório me sentindo feliz, mais leve. Certo de que não havia razão para manter hasteada em mim qualquer bandeira de quarentena. Mas foi nesse mesmo instante que uma voz ecoou na minha cabeça. Se era o advogado do diabo ou inconsciente coletivo, eu não sei. O fato é que, cada vez mais alta, ela questionava tudo o que eu acabara de aprender. “*E se os estudos que concluíram tudo isso estiverem errados?*”, dizia. “*E se o doutor estiver errado?*”

Diante disso, isto é, diante da constatada alforria do risco de transmissão ainda questionar irracionalmente tudo o que acabara de aprender, percebi que eu mesmo sofria com o imaginário temeroso do HIV. Concluí, triste, que ter HIV é viver enfrentando essa imagem negativa, mesmo que total e comprovadamente insubstanciada. Uma batalha constante, sempre que quem tem HIV contar para o outro, o que quase sempre quer dizer ter de convencê-lo de que não somos repugnantes, que não somos um monstro.

Apesar disso, o desejo de contar e ser compreendido prevalece. Queremos muito mudar a ideia das pessoas a respeito do HIV! Queremos poder falar sobre o vírus sem, com isso, causar medo, espanto e pânico. Sem assustar as pessoas e fazer com que nos olhem com dó ou desprezo. Queremos poder contar que temos HIV numa conversa normal, na mesa de um bar ou no café do trabalho, assim como um diabético conta que tem diabetes. O fim da quarentena de quem tem HIV e toma antirretrovirais já é cientificamente possível e, agora, é hora de ser socialmente aceito. Mesmo sabendo que não representamos perigo, é preciso que os outros reconheçam isso também. Mas alcançar essa mudança toda, certamente, é um obstáculo difícil.

Talvez, exatamente por conta dessa dificuldade, acompanhar de perto as notícias da pesquisa da cura seja tão importante para muitas das pessoas que vivem com HIV. É a única saída no horizonte. É como se o fim do vírus fosse mais provável do que o fim do estigma. Para estes, o verdadeiro dia da alforria será o dia cura, quando deixaremos para trás de vez o asqueroso vírus. Aliás, nem basta que seja qualquer cura: a cura “funcional”, em que o vírus continua no organismo, mas em quantidade tão pequena que é incapaz de se multiplicar e de ser infeccioso, não é suficiente. Embora a cura funcional do HIV já tenha sido alcançada em estudos com alguns pacientes, e, inclusive, referida como já sendo o nosso caso atual, o caso de todos os que tomam antirretrovirais consistentemente, ela não extirpa o responsável pelo imaginário aterrorizante. Portanto, não serve! É preciso que a

cura seja “esterilizante”, quando cada pedacinho do micróbio é expurgado de cada uma das células, tal como obtido com o “Paciente de Berlim”, Timothy Ray Brown. Apesar de mais difícil para a ciência, e por mais que outros patógenos, como citomegalovírus, toxoplasmose e tantos outros, sigam na contramão dessa premissa, o sonho continua sendo esse: não ter mais nenhum sinal do vírus no organismo.

Os menos radicais, como eu, embora não deixem de desejar a cura também, estão satisfeitos com menos. Primeiro, com novas e inteligentes campanhas de prevenção do HIV e controle da epidemia, como a *Help Stop the Virus*, da Gilead Sciences.

Em segundo, mas não menos importante, com amplo reconhecimento e divulgação da análise dos resultados de estudos como HPTN 052 e Partner, ou mesmo outros estudos similares, onde, até agora, já foram analisados mais de 6 mil casais sorodiscordantes e a amostragem de transmissão a partir dos parceiros em tratamento e indetectáveis foi, literalmente, *zero*. Mas será que é possível explicar tudo isso a toda uma população?

Fazer alguém entender tudo isso parece algo distante demais. Me parece tal como afirmar que algumas das complexas teorias de Albert Einstein são hoje fatos comprovados: falar que o tempo é relativo, convenhamos, é quase compreendido como entretenimento. No fundo, quase ninguém vê a aplicação prática em suas vidas. Na mesma medida, o conhecimento leigo ainda está anos-luz atrás do que os médicos mais bem informados sabem sobre transmissibilidade do HIV. De tão distante, a própria campanha *Help Stop the Virus* prefere começar a explicar do zero e anuncia: “esqueça tudo o que você sabe sobre HIV”.

Então, comecemos do zero. E busquemos por algo mais simples. Quem sabe, algo capaz de resumir todo esse conhecimento num único termo, tal como PVHA fez no passado. No fim, a solução dos ativistas parece ser a melhor mesmo. Entretanto, será que é possível encontrar um termo capaz de contemplar a substanciada sensação de segurança que as pessoas já podem sentir diante de quem tem HIV e se cuida com antirretrovirais, na mesma medida – senão maior – do que a segurança que sentem com seus parceiros e parceiras de sorologia sabidamente negativa? Será que podemos difundir algo que os jornais, governos, blogs e, principalmente, as pessoas passem a usar, de maneira ampla e corriqueira, como o termo mais correto quando se referirem ao nosso caso: pessoas diagnosticadas com HIV e que cuidam da saúde? Será que é possível contar que tenho HIV e, ao mesmo tempo, não despertar medo e fazer entender que não represento um risco porque sou alguém que cuida da saúde e faz tratamento antirretroviral?

Pesquisando, descobri que não estou sozinho nessa busca. Pelo menos três campanhas já tentaram fazer isso. Uma delas, liderada pela organização canadense Aids Vancouver, chegou lá.

Nela, ao invés de procurar algo novo e revolucionário, usou-se um termo simples, comum e já conhecido por muita gente: *indetectável*, a nova face do HIV, a terceira condição sorológica. A condição de quem não transmite o vírus, porque cuida da própria saúde, tomando corretamente seus antirretrovirais. A condição de quem pode ser tratado por outros médicos a partir das mesmas premissas de um soronegativo, em quase todos os aspectos. A condição de quem tem expectativa de vida igual à de soronegativos. A meta de qualquer um que for diagnosticado positivo para o HIV. A condição de quem não precisa ser visto como perigoso. A condição de quem não precisa lembrar do vírus no seu dia-a-dia, pois sabe que este é apenas um vírus, e nada mais.

– “É bom esquecer o HIV?”, perguntou o Dr. Esper, em nossa última consulta.

– “É ótimo!”

O doutor, que me escutava enquanto prescrevia a receita de meus exames seguintes, interrompeu o que fazia. Parou, olhou para mim por um instante, e disse:

– “Nos faz sentir humanos novamente. Não faz?” ●

Bellé Junior

há quem germine da boca de shiva
 qual imperfeita semente
 tão divergente da minha
 tão divina
 que no berço de língua se faz verbo
 da palavra ceifada de futuro
 e só
 colhe eternidade

eu sou uma constelação inteira
 carne de poeira de uma anã vermelha e negra
 que me envolveu
 de pele e saudade

sinto que meus olhos são o que restou
 do primeiro segundo de ferro
 há pouco fusão de hidrogênio e hélio
 pisca agora a explosão da vida
 na gravidade egoísta
 das minhas duas cefeidas castanhas

amanheci na primavera das estrelas
 que do fogo forja a primeira epifania do cosmos
 a consciência
 é primata pois também somos
 poesia

logo tudo será frio no maior dos invernos
 os astros estarão velhos, cansados
 da pirotecnia intempestiva
 da juventude cósmica
 descansarão no balanço das flutuações quânticas
 até uma nova improbabilidade
 estalar



Cinerário

Ademir
Demarchi

Haicais hortifrutigranjeiros

O Paraná não é apenas o maior produtor de grãos do país, ou um grande produtor de hortifrutigranjeiros. É também um grande produtor de haicais, um tipo de poema curto de três versos e sílabas contadas, focado na observação da natureza, com origem na cultura japonesa. E digo que o estado é um grande produtor de haicais não por conta dos japoneses, que são muitíssimos na região e que se transparecem sempre mais preocupados com a produção de beringelas, brócolis, nabos, caquis e as variações possíveis disso via enxertos. Ou sua grande poesia, apesar do fulgor do grande mestre japonês Nenpuku Sato no interior da colônia japonesa, do qual tratarei em outro texto.

Desde que Sato e o poeta Guilherme de Almeida introduziram essa forma no país, ela passou a ser cultivada como batatas por uma infinidade de pessoas que começaram a se achar escritoras, mas que talvez se dessem melhor plantando batatas. O problema é que saíram por aí a observar a natureza e a repetir um sem-número de lugares comuns esvaziados da genialidade e do senso de observação ensinados por um Issa ou por um Bashô, por exemplo.

Essa forma, transplantada para nossa cultura, encontrou grandes cultivadores, como Millôr Fernandes, que tem um livro com ótimos haicais e com um senso de humor e de observação que sua genialidade tornam peculiares. Haroldo de Campos fez várias incursões pela cultura japonesa, porém com sisudez, sem a leveza e senso de humor que encontramos por exemplo em Paulo Leminski ou Antonio Thadeu Wojciechowski, que fez uma versão poética d'“O Livro do Tao” e está com novo livro de koans, um tipo de sentença zen-budista praticada por mestres e seus discípulos. Thadeu, espirituoso de porco que é, criou um heterônimo japonês, Saboro Nossuco, para assinar esse novo livro, “Koan do Como Onde”. Como ele, Domingos Pellegrini chegou a inventar uma variação a que deu o nome de “Haicaipiras” em sua tentativa de aclimatar o formato, do qual vai um exemplo de gosto duvidoso, que nem é o melhor dele, mas ilustra esse subgênero de pronúncia acaipirada: “Carma, assim é a vida/ quanto mais longa/ mais cumprida”.

Alice Ruiz, que foi casada com Leminski, publicou vários livros de haicais traduzidos ou de sua autoria, também sem o senso de humor que tem particularizado a adaptação desse formato no Brasil. Até hoje ela o pratica, dando oficinas por todo o país nas quais dissemina a prática do haicai. Mas talvez tenha sido mesmo Leminski o grande disseminador dessa peste, pelo que escreveu e pela fantasia que despertou de que se pode ser poeta, especialmente no Paraná, graças ao sucesso obtido com seu brilhantismo e genialidade para tiradas, frases curtas ou poemas curtos, que o levou a ganhar a vida como publicitário em Curitiba. Graças a ele, e me incluo nisso, muita gente teve essa catapora. •

Daniel Zanella

Cenas Urbanas

Ode ao Pernilongo

Satanás que habita
A insônia de nosso quarto
Emulando em seu seio
A tristeza de nossos planos abortados:
Pernilongo

Catarata de ruídos
Altissonante como um dragão sem fogo
Seu nome ressoa
Enquanto a escuridão
Nos desprotege em sua comum ausência de horizonte

Monotema que se reproduz na desarmonia
De dias quentes
Seu silvo lembra algum tipo
De penitência
Que pagamos por exercer
O direito de querer vê-lo morto

Não sei quem disse
“Não é com candeias que se
Ilumina a vida”
O pernilongo em sua sabedoria de morte assistida
É o retrogosto da noite
Cantando seu lúmen na anteporta de nossos sonhos

Pernilongo

Manuel da Fonseca e a primeira fase do neorrealismo

Alexandre Pinheiro Torres, um dos maiores estudiosos do neorrealismo português, em seu livro “O movimento neorrealista em Portugal em sua primeira fase” (1977), defende a tese de que conteúdo e forma na gênese do neorrealismo em Portugal eram polos equidistantes e jamais se agregariam como um todo.

Para Mário Sacramento, porém, esse argumento não se sustenta, e quando Fernando Namora e Vergílio Ferreira inauguram um novo viés neorrealista – a chamada segunda fase do neorrealismo –, eles rompem com o engajamento totalmente panfletário da primeira. Ou seja, conteúdo e forma nessa altura já podem ser identificados como polos integradores entre si.

Um dos escritores portugueses mais relevantes do século XX, Manuel da Fonseca trafegou por vários gêneros literários, como poesia, conto, crônica e romance. Contador de histórias nato, dominou como poucos as técnicas narrativas do conto. Entre suas obras mais relevantes estão “Aldeia Nova” (1942) e “O Fogo e as Cinzas” (1952), ambas coletâneas de contos.

Nas narrativas longas, Manuel da Fonseca teve menos êxito, mas com seu senso crítico apurado e seu vocabulário privilegiado publicou dois belos romances: “Cerro maior” (1943) e “Seara de Vento” (1958). O mais relevante dos dois, “Cerro maior”, apresenta, como era praxe entre os neorrealistas, uma gama imensa de personagens sem procurar enfatizar dramas isolados. A abordagem do coletivo é sempre superior à do individual.

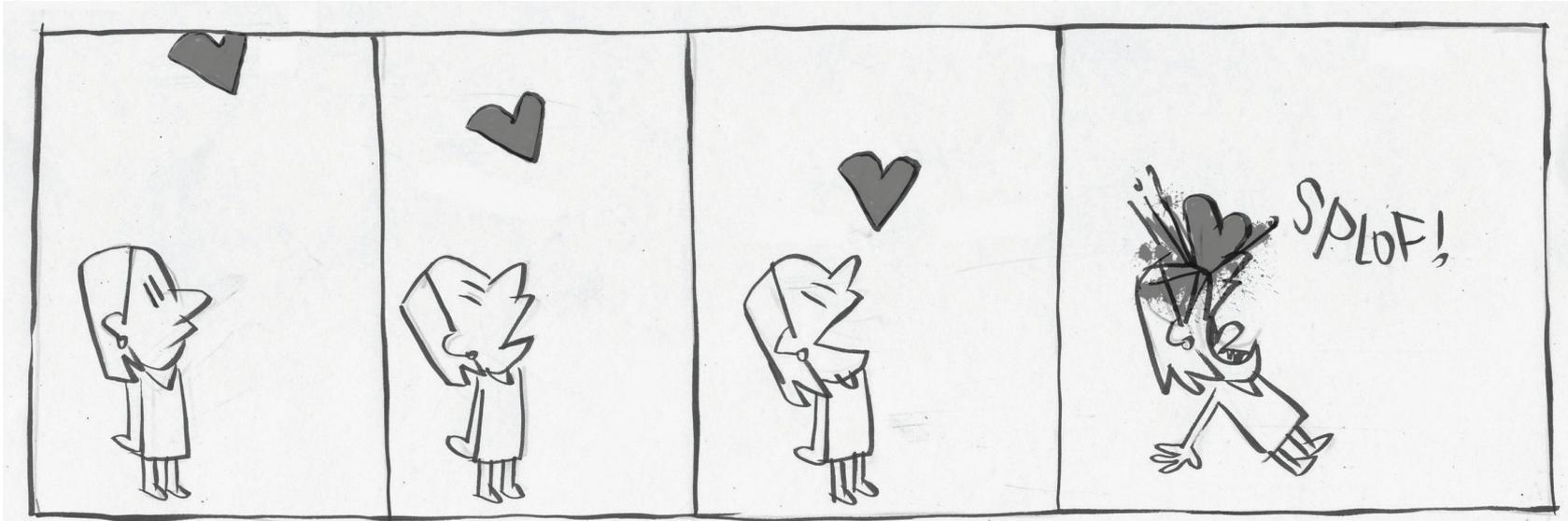
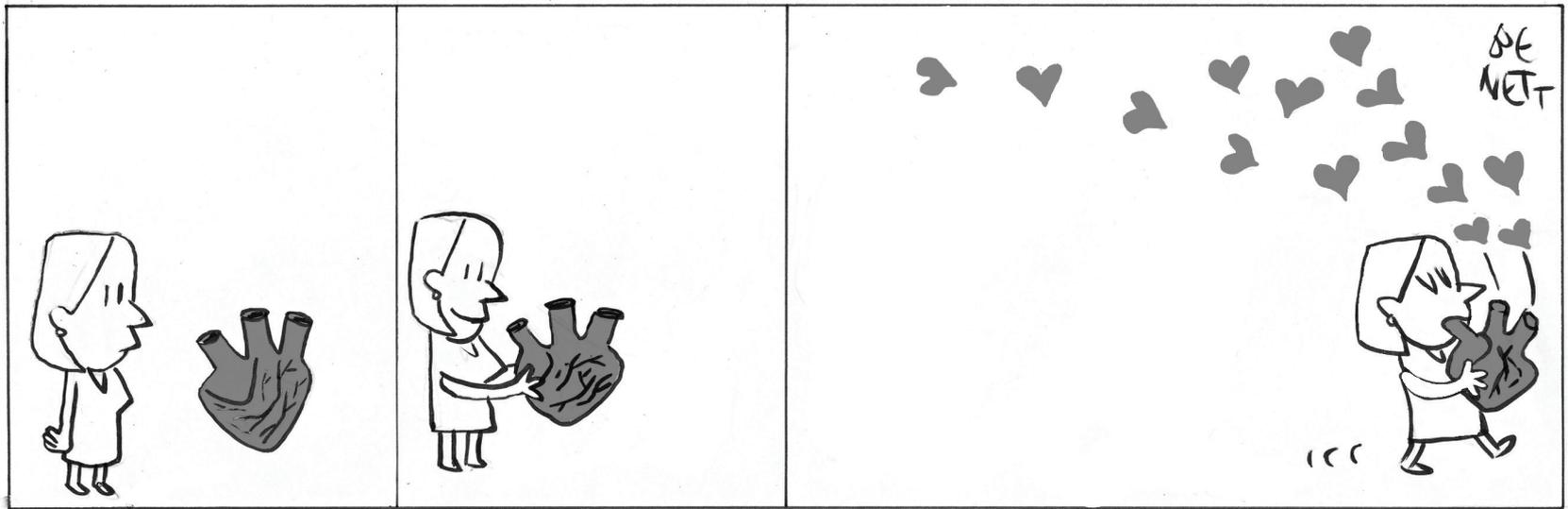
Mesmo estando inserido historicamente em um movimento neorrealista iniciante, ou seja, ainda com fortes tendências socialistas, “Cerro maior” chama

a atenção por sua estrutura narrativa não-linear, o que não era comum nesse período. Romances como “A Selva”, de Ferreira de Castro, “Gaibéus”, de Alves Redol e “Esteiros”, de Soeiro Pereira apresentam estruturas narrativas similares entre si, bastante diretas, estanques e unidimensionais que, para atingir seu objetivo principal (crítica social), como era caro à primeira fase do neorrealismo, se preocuparam muito mais com o conteúdo do que com a forma.

“Cerro maior” inicia com uma cena na prisão, na qual Adriano, o personagem central – se é que podemos defini-lo dessa forma –, chama um dos carcereiros para comunicar que outro detento havia sofrido um acidente. Nessa introdução o leitor não sabe por que Adriano está preso e aos poucos o narrador em primeira pessoa dá algumas poucas informações sobre a vida do protagonista.

A partir do segundo capítulo, a ação sofre um corte temporal e uma gama de personagens, capítulo após capítulo, passa a integrar a narrativa. Fica-se sabendo da infância de Adriano em “Cerro maior”, sua ida para Lisboa e seu retorno; suas agruras e peripécias amorosas e seus desencantos.

A obra apresenta todos os elementos clássicos de um romance neorrealista tradicional: muitos personagens, espaço rural oprimido por um pequeno grupo de latifundiários e descrições tão longas quanto belas das paisagens alentejanas, um dos artifícios mais bem explorados por Manuel da Fonseca. Difere, entretanto, na questão das informações deixadas para o leitor decifrar, além da quebra da linearidade do tempo. Não é sua obra mais proeminente, mesmo porque o que produziu de melhor foi no conto. Contudo, é um belo painel de tipos rurais do Alentejo. ●





"SEXUOL"

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

"SEXUOL"

Remedio providencial, de efeitos assombrosos incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS: **RIO DE JANEIRO** — Hargreaves & Cia. Quitanda, 17
S. PAULO — Mossias, Andreucci & Cia. DROGARIA INTERNACIONAL - R. Quintino Bocayuva, 18

SEÇÃO PAGA

Importante descoberta

A GONOLINA

Soffri uma terrivel gonohrréa por espaço de um anno e dois mezes, não tendo tido melhora alguma com a medicação uzada.

As injeções de permanganato, resorcina e sulfato de zinco nada valeram e os balsamicos só serviram para me estragar o estomago.

Felizmente, graças a *Gonolina* uzada internamente, achome ha quatro mezes radicalmente curado.

Uberabinha 20 de Abril de 1908

Bernardo de Mello.

(Dentista)

Firma reconhecida e devidamente sellada.

Grande Festival Proletario

a realizar-se no dia **22** do corrente, ás 20 horas no Salão Celso Garcia, sito a Rua do Carmo n. 25

Este Festival tem um fim altamente nobre; pois trata-se de instalar em nossa sede social comodas cadeiras, afim de acomodar o mais confortavel possivel os que acorrerem aos nossos chamados de assembleas e conferencias. Certos que contribuirea com sua presença a este ato, antecipadamente agradecemos.

PROGRAMA

- 1.0 - Ouverture pela Orquestra.
- 2.0 - Conferencia Instructiva pela Professora D. Lulza Peçanha de Camargo Branco.
- 3.0 - Drama Social.
- 4.0 - Grande ato de Variedades doonde tomarão parte diversos artistas e amadores.

Nenhum operario que se interesse pela verdadeira causa que lhe afeta, não devera faltar.

PELA COMISSÃO ORGANIZADORA:

SINDICATO DOS MANIPULADORES DE PÃO.
LIGA OPERARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL.
UNIÃO DOS OPERARIOS METALURGICOS.
UNIÃO DOS ARTIFICES EM CALÇADOS.

OS CONVITES PODERÃO SER PROCURADOS NA SEDE SOCIAL A' RUA QUINTINO BOCAUYVA N. 86, OU NA REDACÇÃO DA "PLEBE" A' LADEIRA DO CARMO N. 7.

Conselho às jovens donzelas cristãs

Atenção a respeito da tua leitura!

Todos os dias naufragam muitas jovens nos escolhos da leitura perigosa de livros, folhetos e maus jornais. Com razão escreveu o santo bispo de Gênebra, São Francisco de Sales, a um amigo seu: "Evita a leitura de livros maus ! Não diga jamais: Êste livro ou aquêlê jornal não me prejudica, porque não fico impressionada." A leitura má é como o ar corrompido; sem se perceber, entra no organismo, envenena o sangue, abrevia a vida e ocasiona uma morte prematura. Para o fogo, portanto, todos êstes livros ou folhetos que, abertamente ou por alto, atacam-te a fé, roubam-te a pureza e o pudor! Para o fogo! Quem destrói semelhante livro faz um ato meritório.

Ler romances, muitas vêzes é prejudicial, porque, infelizmente, são raríssimos os bons. Uma moça muito apaixonada pela leitura de romances,

raramente, guardará a pureza do coração; pouco a pouco, levantar-se-ão maus pensamentos, imaginações e desejos.

Ouve o que diz a respeito Sta. Teresa: "Apenas comecei a ler romances, com licença de minha mãe, esfriou-se-me o zêlo religioso, perdi o gôsto da oração e de outros atos de piedade; deixava-os ou abreviava-os e, desde então, comungava menos. O desejo de ler êstes livros tornava-se-me cada vez mais intenso e, quanto mais lia, tanto mais crescia em mim o amor ao mundo e às suas vaidades. Comecei a vestir-me segundo a moda : não queria privar-me de nada ; o desejo de agradar tornava-se-me sempre mais forte, e o meu coração, que pertencera até então exclusivamente a Deus, começava a amar, desordenadamente, as criaturas. Deus, meu Deus, onde teria parado, se não me tivésseis mostrado o abismo de que me aproximava !"